



ABRIL 1968 - ANO I - N.º 3

CONVERGÊNCIA





EDITORIAL

NADA DE FICAR FORA DO TEMPO. A ATITUDE DEVE SER A CORAGEM. É PRECISO PARTICIPAR ATIVAMENTE NO DESENVOLVIMENTO DA HUMANIDADE NO SÉC. XX

DEUS comunica sua graça à humanidade de maneira livre e multiforme. Nenhum dos seres por êle criados, conquanto responda livremente a seu apêlo, é por êle abandonado. A redenção adquirida por Cristo, definitivamente, é aplicada de modo sucessivo aos homens, a cada um dos homens. Na economia desta distribuição, Cristo quis associar a si instrumentos humanos, que realizam a missão de sua Igreja no tempo e no espaço. Essa Igreja, seguindo a lei da encarnação por êle inaugurada, deve inserir-se na história humana, impregnar as diversas formas de cultura e de civilização, e adaptar-se às leis que regem o crescimento progressivo dos homens.

CERTOS católicos desconhecem ou minimizam esta disposição da Providência divina, que se manifesta tanto no plano natural como no sobrenatural. São partidários de uma doutrina essencialista que apresenta, dessa mesma Igreja, uma imagem abstrata e intemporal. O integrismo não é propriamente um sistema filosófico ou uma escola teológica, mas um fenômeno mais vasto, que se caracteriza pela maneira rígida e monolítica de encarar as idéias e os fatos. Pode existir em qualquer sociedade e em qualquer época. Não é específico de ambientes católicos ou cristãos, nem se cinge exclu-

sivamente a agremiações religiosas. Todos os grupos mais ou menos fechados e ciosos de conservar certas linhas de pensamento ou certas normas de vida são um terreno propício à implantação e ao desenvolvimento do integrismo. E integrismo é, exatamente, o tema que se aborda na seção *Forum de debates*.

AO INVÉS de se projetarem no intemporal ou de se voltarem para o passado, outras correntes procuram, com decisão, viver o presente na sua realidade complexa. Auscultam os sinais dos tempos e aceitam os desafios do mundo contemporâneo. Uma meditação apresentando o livro de Tillich *Coragem de Ser* nos ajudará a refletir sobre a atitude que devem tomar os cristãos em face dos problemas atuais.

NÃO somos apenas ouvintes da Palavra, mas seus executores, procurando agir nos meios que nos cercam. Uma nova consciência de nossa presença na história nos fará perceber que devemos nos inserir no desenrolar dos fatos e participar ativamente da construção e do desenvolvimento da humanidade no século XX. Figuras do episcopado universal, como Máximos IV, e representantes do episcopado nacional e do laicato nos indicam o caminho a seguir.



**FORUM
DE DEBATES**

LÓGICA DO INTEGRISMO

PARECE difícil ser progressista sem ter consciência disso. Parece não menos difícil ser integrista tendo claramente consciência disto. O integrismo apresenta-se com um acentuado caráter de inconsciência. E sem dúvida, êste é um de seus traços mais dignos de reflexão. O progressista tem aguçada sensibilidade para o temporal; sofrendo as imperfeições de sua época, procura apressar a história, faz-lhe pressão e, querendo ir mais rapidamente, nem sempre atina com o caminho. O integrista, por sua vez, sofre de uma falsa relação com o tempo. E isto por insensibilidade inata, ou adquirida, a esta dimensão da realidade. Parece-nos necessário descer à raiz de nossa condição de ser encarnado para esclarecer clinicamente o comportamento dêste homem que não possui um sentido suficientemente adaptado à temporalidade. Estudaremos, portanto, o integrismo como dimensão religiosa de uma perturbação da temporalidade vivida. Procuraremos exatamente a lógica desta forma patológica, porque ela se apresenta como altamente estruturada. (1)

desajustamento com relação ao passado

O MITO DA CRISTANDADE E A SISTEMATIZAÇÃO DO INTEMPORAL

Tudo parte de um belo sonho: uma cristandade que jamais existiu — êste mito que construíram e que projetaram no intemporal. O paraíso terrestre do progressista está por se fazer. O dos integristas está perdido: são homens do passado. Trata-se, portanto, de trabalhar em defesa desta projeção idealizada, herança de séculos chamados cristãos. Esta herança, sem mais nem menos, assimilada à Tradição. Com isso, defendem-se estruturas que talvez já estejam mortas, cenários dos quais a vida se afastou, aparências tranquilizantes, que, em vez de responderem às questões, abafam-nas. Homem profundamente religioso, o integrista coroa eventualmente sua obra tentando passar a direção do seu universo à jerarquia clerical. Em outra época, a doutrina das duas espadas foi idealizada exatamente para justificar êsse clericalismo. Com efeito, o mundo verdadeiro e legítimo, o único bom, ignora para o temporal o direi-

to à autonomia; o maniqueísmo latente neste sistema vai até o ponto de, às vezes, lançar para o mundo do mal a carne e o casamento.

A história do integrismo é, de algum modo, a crônica da perpetuação de um anacronismo. Tudo aquilo que se lhe opõe vem do mal: o diálogo não é, portanto, possível nem com a história nem com os cristãos que pensam diferentemente. Em relação à história, o diálogo é duplamente impossível, pois o integrismo alimenta-se de uma sistematização que se abstrai do tempo; é uma espécie de matemática, uma lógica, e não uma física. Sua enfermidade consiste precisamente em não encontrar sentido num processo irreversível; a jerarquia de seus próprios conceitos é o único conjunto que permanece de pé. Tudo vem do alto: é o princípio evidente cuja negação aproxima-se da blasfêmia compreendida sempre num sentido muito amplo. Ora, o sociólogo e o historiador devem reconhecer que o mundo não se modela mais simplesmente pelo alto. Até no plano do pensamento e da decisão, as massas despertam para a exis-

tência. Mesmo aqueles que consideram este fenômeno como uma infelicidade devem reconhecê-lo. "As instituições não são mais modeladas pelos clérigos e príncipes cristãos. A Igreja, deixando de se encalhausurar em suas próprias estruturas e de lançar anátemas a um mundo que a ignora, deve ser capaz de oferecer um humanismo cristão, dos tempos modernos, cívico, econômico, social, que revele a esta multidão os aspectos religiosos de suas diversas vocações terrestres... Somente os leigos podem, em nossos dias, garantir a mediação entre a fé e as situações históricas sucessivas" (AD, 462). O integrismo, porém, edificado sobre a idéia de uma cristandade na qual o clérigo é senhor das alavancas de comando, não quer ceder lugar nem ao poder civil nem aos leigos (veremos em que sentido). No universo integrista há lugar para multidões de leigos, não para um laicato propriamente dito.

Em determinado país, bispos se opuseram à Ação Católica para defender suas congregações marianas e suas obras de piedade. De modo mais amplo, a falta de um laicato formado que, a nosso ver, é o primeiro mal do Brasil e da América Latina, parece-nos seguir com muita lógica uma pastoral que se ocupa primeiramente com os direitos e prestígios da Igreja. Uma Igreja com a qual imprudentemente identificam o clero. Houve demasiado apêgo à primeira das três épocas que AD assinala para o esforço apostólico da França contemporânea: "o período das obras, o período da Ação Católica e enfim o período de movimentos missionários (aos quais se juntam, de modo variável, os movimentos de AC). As obras se destinavam a preservar dos ataques do século o que restava de cristandade, salvaguardando-a ao abrigo de instituições confessionais. Os movimentos de Ação Católica esperavam conquistar o século, conquistando os diversos meios. Os movimentos missionários incumbem-se de animar cristãmente este meio, e para o conseguir misturam-se a eles" (AD, 464). Com esta evolução de táticas operou-se na Europa uma mudança de espírito, mar-

**O LEIGO SOB MEDIDA É
PARA A IGREJA A MAIS
TEMÍVEL DAS TENTAÇÕES:
A TENTAÇÃO DA FACILIDADE (2)**



candô um afastamento progressivo — aprendido por experiência própria — do mito da cristandade sacral a defender.

Fundamentalmente reacionárias, no sentido mais estrito (3), as forças católicas influenciadas pelo integrismo chegam às alianças mais discutíveis com outras forças, econômicas ou políticas, da reação. E isso a tal ponto que, nas épocas ou nos países onde este bloqueio é acentuado, o mundo operário não consegue mais fazer distinções. Neste caso, qual será o testemunho de irradiação da Igreja que deve atrair para seu seio tôdas as almas de boa vontade?

UMA ÉTICA DA ORDEM BASEADA NO BINÓMIO JURÍDICO: AUTORIDADE-OBEDIÊNCIA

O mundo, abstraído de uma dinâmica temporal, não o é de uma jerarquia espacial. Encontra-se uma visão cósmica do tipo estático, à Pseudo-Denyz. O agir, porque o agir existe, apesar de tudo, não é senão o desdobramento da essência: **agens agit simile sibi**. Traduzindo: que o escravo se comporte como bom escravo, pois é de sua natureza ser escravo; que o operário se comporte como bom operário (adivinha-se o que isto significa, uma vez que o integrismo não se recruta de maneira nenhuma no mundo proletário). Que poderia acontecer, com efeito, de verdadeiramente nôvo, de imprevisto, no mundo do bem, senão pela irrupção de emissários do mundo do mal? (4). Prisioneiro de sua definição, cada ser é obrigado a permanecer no seu lugar. Compreende-se bem que aqueles que projetam uma reorganização social, visando realizar uma ascensão das massas e observar uma maior justiça social, sejam taxados de agitadores, que ameçam a paz social e instigam o comunismo. A ordem social estabelecida, confundida com a paz, reduz-se, em última análise, à

obediência ao chefe. A história mostra abundantemente que a mentalidade integrista conduz à mentalidade fascista, quando as circunstâncias levam a isto. Num artigo estudantil consagrado à alienação política, menciona-se em relêvo a "incapacidade de um povo de se orientar politicamente, segundo os seus próprios interesses. Crença na eficácia de instrumentos inoperantes, de um lado; total falta de interesse pela política, de outro lado. Sob a forma mais grave: recusa de decidir sobre o seu próprio destino, criação do mito do Chefe, do Pai, do Salvador da Pátria..." (Mosaico, Belo Horizonte, IV, maio, 1961).

Muitas coisas se tornam claras, quando se vê no integrismo um sistema fundado sobre a relação jurídica de senhor e de súdito. Assim, basta apontar as conseqüências nos diferentes domínios.

Domínio doutrinal — A fé (voluntarismo doutrinal, dogmatismo) não corresponde mais a uma conversão de amor, mas somente a um ato de submissão da vontade. A Bíblia não é mais o testemunho e a revelação de uma economia, a das duas alianças históricas, mas uma coleção de argumentos lógicos. Santo Tomás deixa de ser um dos mestres para o pensamento e torna-se o homem que deu à Igreja o código de teologia, a solução certa a todos os nossos problemas, respondidos uma vez por tôdas (5). A infalibilidade do magistério eclesiástico será consideravelmente estendida, cristalizada (retirar-se-ão os limites, as condições, os matizes) (6). A teologia reduz-se-à ao comentário das encíclicas (pronta a deixar de lado os textos que menos se harmonizam com o sistema) (7). A incredulidade, a dificuldade dos jovens em relação à fé são outras tantas expressões de orgulho de espíritos rebeldes (8).

Domínio moral — O voluntarismo moral ou moralizador, justamente denunciado no plano das

concepções éticas errôneas (9), encontra no integrismo um terreno altamente favorável. Aliás, a rainha das virtudes não é mais a caridade, mas sim a obediência que imprime grande eficácia, tanto no domínio teológico, como no domínio das virtudes morais. Para se obter uma obediência que pode camuflar um simples conformismo (10), quadros de pressão sociológica poderão vantajosamente ser instituídos. Assim, por exemplo, o quadro jurídico do Estado. Para retificar e refrear os ímpetus de uma liberdade humana que se deve temer, nenhuma garantia, nenhum meio de pressão é demasiado. Em matéria de justiça, a perspectiva da subordinação do inferior ao superior estabelecido contribuiu para obstar a todo reformismo institucional e para deixar cair no esquecimento aquilo que Santo Tomás chama de justiça distributiva. Tôda reivindicação dos assalariados é, primeiramente, uma perturbação da ordem estabelecida. O senhor exerce um paternalismo que lhe agrada, e o protegido nem por isso adquire algum direito. O clero, por sua vez, fará um policiamento de ordem moral: é necessário pregar o respeito aos poderes constituídos, ir de encontro a tôda reação, qualificada outrora de liberal e hoje de marxista. Aos fracos e aos oprimidos, aos proletários e aos miseráveis, a quem a sociedade negou condições humanas de existência, prega-se a paciência, a submissão, a resignação (11), esquecendo-se as virtudes da audácia, da fortaleza, da ousada prudência e da coragem moral em afrontar qualquer opressor.

Métodos de conquista e outras técnicas — O espírito de disciplina que preside ao aliciamento leva sempre a crer que basta a adesão dos chefes para que os subordinados sejam absorvidos na massa dos fiéis: assim aconteceu com as tribos francas e mais recentemente com vários países de missão, sendo que o mesmo espírito permanece em

AS FÔRÇAS CATÓLICAS

INFLUENCIADAS PELO INTEGRISMO

CHEGAM A DISCUTÍVEIS ALIANÇAS COM

OUTRAS FÔRÇAS POLÍTICAS OU ECONÔMICAS

DA NAÇÃO; E NOS PAÍSES ONDE ÊSTE

BLOQUEIO É ACENTUADO

OS TRABALHADORES NÃO CONSEGUEM MAIS

FAZER DISTINÇÕES

certas organizações de conquista católica, que se dirigem abertamente às elites da nação. Com o fim de governar a massa dos fiéis por rumos certos, algum despotismo não será demais para remediar o anarquismo espontâneo dos seres humanos (desconfiança da natureza humana e do indivíduo). O integrismo é fundamentalmente antidemocrático; levou muito tempo na história para aceitar a forma republicana de governo, e esta aceitação nem sempre é conseguida (afinidade do integrismo com certas monarquias, mesmo de tendências fascistas, contanto que se trate de ditaduras de direita). No Brasil, o integrismo não foi sem afinidade com o integralismo. Compreende-se, portanto, a razão de os integristas surgirem mais facilmente no meio católico do que no meio protestante, mais espontaneamente democrático. Tudo aquilo que favorece o respeito e reforça a submissão do subalterno ao chefe adquire muito facilmente sua legitimidade; os argumentos que valeram na Santa Inquisição não parecem ainda tão caducos.

"No comêço do século, o integrismo foi um real perigo para a Igreja na França, paralisando na rotina intelectual, contribuindo, através das denúncias de uma sociedade eclesiástica secreta, a Sapinière, para uma aplicação estreita e mesquinha de medidas antimodernistas" (AD, 141). Parece que há, em todos os países, cristãos que não imaginam melhor Ação Católica do que a de denunciar, por exemplo, os padres suspeitos de irem ao cinema ou de pregarem uma perturbadora justiça social. Parece que Pedro e Paulo também já foram denunciados em Roma pelos judeus cristãos ciumentos, primos sem dúvida, dos beneficiários da famosa coleta de Jerusalém, pelos quais Paulo tanto se dedicou. Não nos admiraremos muito deste aspecto do sistema, porquanto, em sua vocação de defender a ordem constituída e seus legítimos chefes, os integristas sentem-se facilmente levados a aju-



O INTEGRISMO NÃO VÊ QUE HOMENS CAÍDOS
SÃO FRUTOS TAMBÉM DA INJUSTIÇA E DA
GANÂNCIA

O INTEGRISMO É IMOBILISTA
E TENTANDO ETERNIZAR AS SITUAÇÕES
TORNA-SE UMA REVOLTA
CONTRA DEUS



dá-los de vários modos, servindo, por exemplo, de conselheiros e mesmo de denunciadores ocultos, à sombra dos poderes estabelecidos. O método de denúncia, nem é preciso dizer, só pode se abrigar num sistema que cultiva um certo gosto do segredo.

A autonomia do cristão vivendo no universo sacralizado pelo integrismo nem sempre foi respeitada nos seus constitutivos naturais. O fenômeno apresentou-se na história com certa complexidade. Com efeito, ora se atribuem aos leigos tarefas puramente profanas, ficando a construção da **Cidade de Deus** reservada à hierarquia (12), ora esta hierarquia passa ao domínio profano para clericalizá-lo (13); muitas vezes, recusam-se aos membros da Ação Católica tomadas de posição no plano temporal (14); em particular, não se permite aos sindicatos cristãos desenvolverem-se (15). O que falta, visivelmente, é uma sábia noção de **engajamento** onde o laicato seria mantido por aquilo que ele deve ser evangêlicamente: o fermento do mundo.



desajustamento com relação ao presente

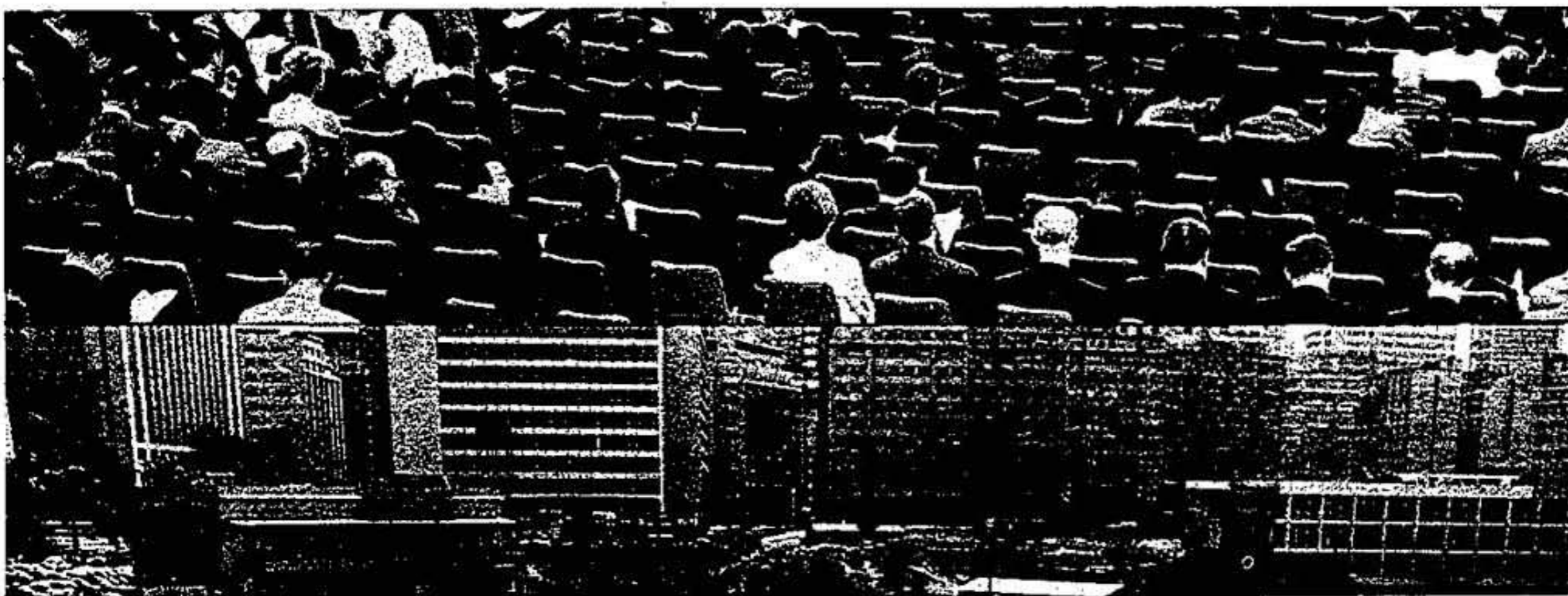
INCONSCIÊNCIA DE SI E IRREALISMO EM RELAÇÃO AO MEIO

“Eles têm olhos e não vêem”: a sentença se aplica a todos aqueles que tentam encaixar toda a realidade dentro de suas categorias *a priori*. O integrista constrói o mundo como morada de seu próprio sistema. Os seres existentes, os outros, devem aí se amoldar. Isto reforça a impossibilidade de um diálogo desejável com o mundo (16). Ora, cada vez mais inútil pretender dirigir-se ao mundo, lamentar-se pelo fato de que o mundo não escuta mais a Igreja, se nós, da Igreja, não começamos por escutar o mundo no que ele tem de válido, procurando compreendê-lo antes de julgá-lo. Falamos da Igreja? Não o fazemos senão referindo-se a seus elementos divinos; ora, os incrédulos não a encaram senão em seus elementos humanos: imenso e profundo mal-entendido que a repulsa da história mantém. Dentro da perspectiva missionária que aspira a apresentar a Igreja como sinal de união entre os homens, a realidade eclesial deve ser percebida muito concretamente através dos seus membros. O conceito de uma realidade dogmática ou ecle-

sial não é suficiente para a compreensão da própria realidade definida pelas palavras. **A todo momento devemos apreender a Igreja na sua espessura, entre seu aspecto de mistério e suas aparências históricas.** Se, de um lado, a história visível da Igreja é tratada de modo muito superficial e unilateral, de outro lado, teólogos e apologetas simplificam demasiadamente as coisas quando apenas se referem a seu mistério.

O desconhecimento e até a desconfiança em relação à sociologia religiosa bastante comuns outra na Igreja (17), e provavelmente não sem ligação com a mentalidade integrista, estão desaparecendo. Acentuar este movimento evitaria que se ignorasse o conjunto das realidades cuja existência presente constitui a negação peremptória da retidão do sistema integrista. Descobrir-se-ia então que o problema da incredulidade moderna não se reduz ao de uma simples integração de indivíduos rebeldes, pelo desejo ou pela força, nos quadros de obediência a instituições pré-estabelecidas. Este mesmo modo de ver opõe-se ainda a uma verdadeira compreensão ecumênica, pois que se abandona “aos outros” todo o esforço de **volta incondicional.**

Precisar-se-ia também respeitar muito a verdade em sua modalidade histórica, para não se bloquear mlticamente teoria e prática, posição doutrinária e posição efetiva total. Nada nos parece mais urgente, hoje em dia, para o progresso da Igreja, que um leal confronto de sua doutrina com o modo como clérigos e leigos cristãos vivem os pontos nevrálgicos da evolução do mundo (18). Por não se considerar o desnível entre teoria e vida, este desnível que pode surgir e por vèzes aumentar o acúmulo de melhores textos no setor da doutrina corre o risco de pesar de uma forma irrisória nas próximas reorganizações de certos continentes. Pode-se, com efeito, julgar abusiva a disjunção que deixa na sombra forças que agem **de fato** na história em proveito das únicas forças que aí agem **de direito**. Sòmente tal disjunção pode explicar, por exemplo, a afirmativa de que o Concílio de Trento **arrasou** o protestantismo (19), ou ainda que os estudos referentes às relações da Igreja com esta ou aquela realidade do mundo (Estado, civilizações, servidão, mundo operário etc.) se contentam em citar abundantes textos do magistério romano. A Igreja está presente no mundo, não sòmente pelo que a hierarquia diz, mas ainda pelo que toda a Igreja faz; e a atenção dos incrédulos do século XX é bem mais levada para o que ela faz, para o comportamento de seus representantes e de seus membros do que para o que ela diz e que eles nem sempre se preocupam de ouvir. Sem esquecer o elo neotestamentário existente entre a fé e as obras, não deixemos apenas aos marxistas sublinharem aquilo que há de justo e essencialmente inevitável nas ligações entre “compreender” e “agir” (20). São João repete que



aquêlé que acredita amar a Deus e não age, conseqüentemente se encontra nas trevas: êle não vê aquilo que quer ver; qualquer pessoa que tomou os Exercícios de Santo Inácio foi advertida desde o prefácio de que para "compreender" êstes Exercícios seria necessário "fazer" o que indicam.

A disjunção precedente se desdobra às vèzes numa distinção mais sutil entre a tese e a antítese (a qual nos parece ter, porém, uma interpretação válida). Quando não se quer ver que a doutrina (tese) só é vivida concretamente num determinado dado histórico, tal como êle se apresenta, o obstáculo que êste condicionamento opõe ao livre desdobramento da tese deixa a ação entregue a um oportunismo empírico. Entretanto, um realismo conseqüente saberia conservar sempre a altura e o absoluto de seus alvos dentro da relatividade dos engajamentos.

AS VOCAÇÕES TERRESTRES TÊM UM SENTIDO MUITO PROFUNDO

A DIFICULDADE DOS JOVENS COM RELAÇÃO À FÉ NÃO É UM ORGULHO DE REBELDES

A ALIANÇA COM OS QUADROS CIVIS ESTABELECIDOS

Para esta aliança, uma condição é, ou o era até pouco tempo, implicitamente exigida: êstes poderes civis sejam "de direita" ou "de extrema direita", quer dizer, cuidem mais da ordem estabelecida que do progresso social. Êste progresso que requer uma constante reavaliação do que exige a justiça distributiva. Ainda aqui a doutrina das duas espadas resolveria maravilhosamente o assunto. Contudo, é difícil ressuscitá-la completamente. Nem mesmo se procurará o apoio do braço secular, o que levaria a compromissos de que resultam geralmente mutiladas a integridade da mensagem evangélica a pregar, a tolerância e a liberdade individual decorrente do que a Igreja chama a dignidade da natureza humana.

Em um notável resumo da teologia contemporânea sobre as relações entre a Igreja e o Estado, o Padre de Soras sintetiza assim a posição atual do magistério romano: "*Primeira proposição*: a Igreja não pode renunciar a que, tanto quanto possível, a inspiração de justiça e de caridade, da qual ela se sente a garantia e a depositária, penetre na atividade do estado, dos homens do Estado, das instituições do Estado... *Segunda proposição*: entretanto, agora e no futuro, a Igreja se recusa oficialmente a confundir esta presença desejável da inspiração cristã na atividade do poder político, com a submissão das instituições do Estado às instituições da Igreja

ja" (21). Examinando-se o que se passa onde há uma influência integrista, pode-se perguntar se não se invertem, às vèzes, os meios de influência: na incapacidade de penetrar de justiça e caridade sociais os homens e sua atividade política, procurar-se-ia compensar essa defecção do fermento por pressões diretas sobre os órgãos governamentais numa afronta igual à de forças econômicas ou de quaisquer forças políticas presentes. Ora, a *terceira proposição* do Padre de Soras enuncia-se da seguinte forma: "A Igreja pensa que esta inspiração do Estado se fará pela mediação dos católicos leigos engajados na política... debaixo de sua responsabilidade pessoal..."

Está claro que nós não condenamos tôda aliança com o poder civil conforme a doutrina tradicional da Igreja, mas somente aquela que conduz aos inconvenientes que vamos assinalar. A política de prestígio e de poder que requer aliança com os detentores civis da autoridade, da riqueza e do poder vê-se na obrigação de manifestar a força e a glória temporais da cristandade. Mas isso, a que preço? Com que equívocos possíveis da parte de homens que querem levar a mensagem evangélica de desprendimento das vaidades do mundo e levá-la a um mundo profundamente desconfiado, talvez alérgico a tôdas as formas de imperialismo? Num mundo que está longe de possuir a unidade de fé requerida pela cristandade, esta política fere a liberdade fundamental dos homens e prolonga uma intolerância que a consciência ocidental acha hoje anacrônica. O problema atual é saber se

a intolerância eclesial do passado deve sobreviver. Os integristas acham facilmente que sim, como o exprime E. Guerrero: "É um contra-senso pretender que num país católico seja preciso salvar a unidade da fé católica, mas que não se tenha o direito para isso de utilizar o poder civil" (22). Todo o mundo é tolerante no sentido que alguns dão à tolerância: eles são tolerantes com a única condição de que os outros se unam às suas próprias doutrinas e se submetam ao seu domínio, ou se coloquem sob o domínio de seu sistema. Os fanáticos têm sua ingenuidade. Tudo é previsto em seu sistema, salvo a liberdade de entrar no próprio sistema. Ora, tanto quanto nós, os outros também acham que estão com a verdade; "nos Estados que seriam estabelecidos sobre princípios análogos aos do *Estado Católico*, o mesmo princípio de não tolerância constituiria para a própria Igreja um obstáculo intransponível" (23). É preciso reconhecer que quando países marxistas usam esses princípios de intolerância contra o cristianismo, a Igreja o julga com razão inadmissível. Escapasse à lei da história assim enunciada por H. von Glasenapp: "Os mesmos indivíduos, que exigem das autoridades do Estado e da Igreja a liberdade de consciência e se lamentam que se viole o seu direito de se exprimir, tornam-se muitas vezes, quando eles mesmos ascendem ao poder, partidários de uma ditadura espiritual tão intolerante quanto os tiranos que eles derrubam. É uma anomalia que se pode observar em todos os setores da vida humana, e não apenas uma característica do domínio religioso?" (24)

A condição servil, para Santo Tomás, prende-se à falta de liberdade social. Suprimindo-se a liberdade em favor de um mundo institucionalmente católico, nós tornamos o povo escravo de instituições. Eis o dilema fundamental. Deve a humanidade ser escrava de uma suposta ordem social católica, ou não seria melhor dizer que a Igreja deve liberar o povo para a salvação eterna, salvação cuja consecução exige, é verdade, uma certa ordem social compatível com o cristianismo? Importa muitíssimo saber por que meios se deseja erigir esta ordem social cristã; certos meios contradizem tão gravemente o fim que não poderiam conduzir senão a caricatura desta ordem. Qual das duas saídas: a Igreja a serviço do povo (para formar verdadeiramente o Povo de Deus, a comunidade da Aliança), ou o povo, escravo do poder eclesiástico, reforçado pelo braço secular? Num importante discurso de Pio XII aos juristas italianos (25), o Sumo Pontífice relembra que Deus não deu aos homens o preceito absoluto e uni-

desajustamento com relação ao futuro

versal de impedir o erro religioso ou o mal moral: "Não se encontra nem na convicção comum dos homens, nem na consciência cristã, nem nas fontes de revelação, nem na prática da Igreja".

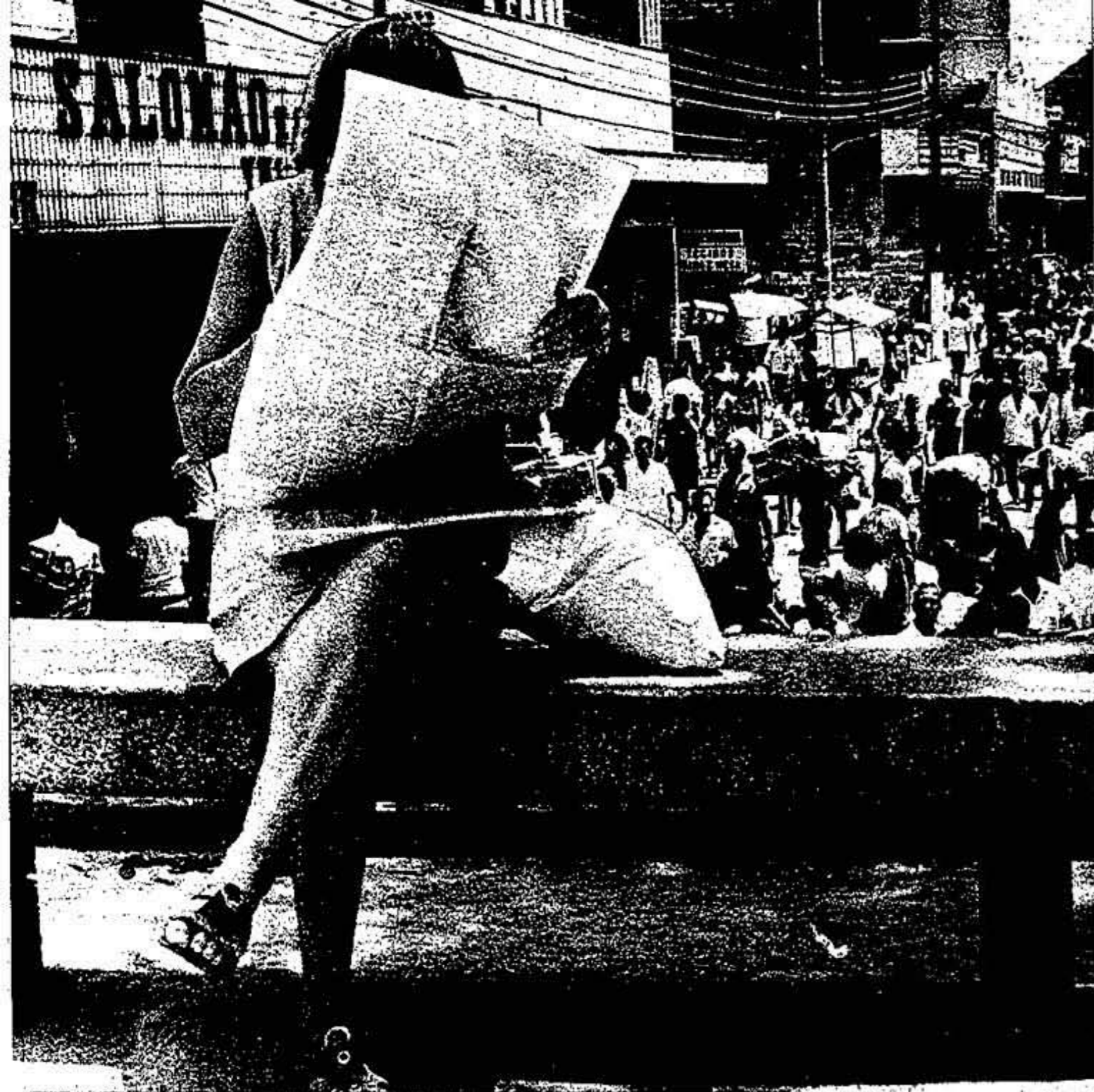
A RECUSA DE UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

Uma sociedade que não possui mais lucidez em relação a si mesma já entrou em decadência. A grande fraqueza do sistema integrista é a de ter desconhecido a verdadeira dimensão escatológica da história religiosa da humanidade, sem para isto ter adquirido o prestígio de um messianismo temporal verdadeiramente atraente. Portanto, ele não prepara bem o futuro, nem do reino deste mundo, nem da Igreja da eternidade. Para o que é deste mundo, ele se mantém à margem de uma construção em que não confia; à medida que esta se constitui, lamenta que a construção não integre as perspectivas cristãs. Em lugar de lançar anátema sobre os construtores, melhor teria sido que, com eles, se voltasse em direção ao futuro e, presentes no mundo, com eles dialogasse, colaborando assim na aquisição eficiente dos valores, aos quais nossa época é sensível. Por não perceber estes valores, outros não lhe serão levados. A 1 de maio de 1961, o Cardeal Montini assim se exprimiu: "É humano e cristão compreender, sustentar e servir à aspiração de uma ordem social melhor. Esta, naturalmente, é mais viva e mais urgente, onde a participação ao bem-estar da vida moderna é ainda fraca e insuficiente" (26). O futuro Papa empregava, então, o epíteto de "inovações" para designar certas reorganizações, que ele não condenava sem outro exame, mas qualificava de *boas e fecundas*. E ele se explicava assim: "não é possível resolver-se a questão social com a mentalidade social emanada do século passado; quem persiste nisso contribui para eternizar e arruinar esta

questão". E o esforço que se pode assinalar ao laicato, neste mundo em marcha e na Igreja peregrinante, "não consiste em recrutar, em atrair os incrédulos, mas antes em se misturar com eles, para salvá-los tais como são" (27).

Daquele que não é sensível à evolução de uma consciência moral da humanidade, ou talvez da humanidade, não se poderia esperar uma adaptação às tarefas positivas do futuro. Assim, há os





que se contentam em remexer textos da Idade Média (sem dúvida, veneráveis), para fazerem sobressair, hoje, problemas como os das relações da Igreja com o Estado, do processo inquisitorial, da oportunidade da pena de morte, dos poderes da mulher casada etc. Da mesma forma, o "direito de propriedade" desligou-se de toda justiça distributiva e se tornou um dos artigos do credo do catolicismo burguês. Agora, em determinados países, não se vê como restabelecer uma justiça verdadeira (quer dizer, implicando a justiça distributiva), sem transpor os aspectos esclerosados de uma propriedade ligada, de fato, a uma oligarquia dominadora e egoísta.

É difícil negar que o espírito integrista se mostre mais preocupado em manter as *elites* já existentes do que em suscitar novas ou de formar aquelas que se preparam, com a ajuda ou oposição dos outros, a influir sobre os destinos de uma nação. Esquecer o progresso das outras classes é, algumas vezes, tão pouco hábil, quanto injusto. O equilíbrio entre *elites* e massas está constantemente a se refazer, porque a história se incumbe de rever o que se deve entender por *elite* e *massa*. Os descendentes das antigas *elites* de nada querem saber. Entretanto, eles precisam mudar de mentalidade.

OS SUSPEITOS: LIBERDADE, INICIATIVA, PERSONALIDADE

Fechados aos novos recursos do futuro, os místicos do intemporal no mundo não saberiam senão apresentar desconfiança ou oposição aos que promovem um futuro indesejado. Inovador ou herético, tornaram-se quase sinônimos. Todo reformador, todo reorganizador configura-se a agitador, e há regiões e meios onde o epíteto de *comunista* não tarda a qualificá-lo. Todo profetismo é impiedosamente reduzido àquilo que se exprime como magistério jerárquico.

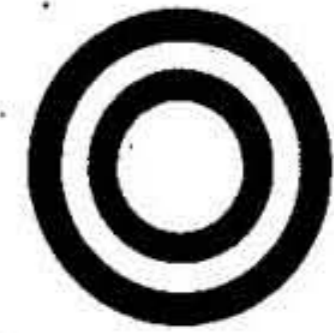
A insuficiência das instituições e das obras de cristandade para os cidadãos de um mundo leigo não precisa mais ser demonstrada (28). Se não se deixa para certos apóstolos mais corajosos ou mais lúcidos a liberdade de abrir novas perspectivas ou de cortar ligações que se tornam prejudiciais, é vão pretender animar cristãmente um mundo em gestação. Dizem que houve um tempo na França no qual "em troca do apoio e das homenagens das companhias (industriais do norte), o clero se mantinha na linha conservadora; no caso em questão, o bispo suspendia os padres julgados subversivos... Era fatal que os operários de lá, como de outras partes, identificassem o

capitalismo e a religião que eles viam tão estreitamente unidos" (AD, 68).

Em definitivo, o que nos parece fundamental para fazer o juízo sobre um humanismo que se diz ou não cristão, é saber o lugar que ele reserva à liberdade humana. Amar o homem como Deus o ama é deixá-lo livre. "Dois pólos solicitam todo o messianismo humano: o da liberdade e o de uma felicidade completa. Um humanismo limitado a si mesmo terá que optar entre estes termos, porque para ele a liberdade significará o sofrimento, o nobre sofrimento, ao passo que um hedonismo, por mais apurado que seja, não preencherá nossos desejos sensíveis, senão alienando nosso poder de livre determinação. O terrificante dilema levantado por Dostoievski, na sua *Lenda do Grande Inquisidor*, encontra meios de importunar o homem entregue a si mesmo. A todo aquele a quem a história confie, por pouco que seja, o destino de um povo, se impõe a questão: pode-se tornar alguém feliz apesar dele mesmo? A felicidade será alguma coisa que se possa impor? Os homens entregues a si mesmos se dividirão até o fim dos tempos entre os que aceitam ter fome, contanto que continuem livres, e o clã das almas mesquinhas que suplicam serem saciadas de pão e divertimento, *panem et circenses*, contanto que sejam desembaraçadas para sempre do peso de pensar, de julgar, de se dirigir. Provavelmente não escaparemos a este dilema de todo messianismo, sem recorrer a uma escatologia transcendente, completando a história" (29). O que é notável no integrismo é que ele pretende conciliar a solução alienadora do espírito humano com os quadros da salvação transcendente.

**SEM A LIBERDADE DE
ABRIR NOVAS PERSPECTIVAS
OU DE CORTAR LIGAÇÕES
QUE SE TORNARAM PREJUDICIAIS,
É INÚTIL PRETENDER ANIMAR
UM MUNDO EM GESTAÇÃO**

CORAGEM DE SER



**PARA
REFLEXÃO**

O Evangelho é o anúncio da liberdade — *da liberdade dos filhos de Deus*. Liberdade é o estágio humano do amor em plena maturidade. O homem livre é aquele cujo ser está em absoluta disponibilidade para se dar, para amar, para se comunicar, para ser. A liberdade é a plenitude da vida, a plenitude do ser, a plenitude do amor consciente e engajado. Por isso, a luta fundamental do homem é aquela que se trava contra toda forma de opressão, de servidão.

A LIBERTAÇÃO DO MEDO

O medo exprime o estágio infantil de uma consciência povoada de mitos e fantasmas e de um coração impotente para amar, fechado sobre si, proprietário. O homem só tem medo quando se sente ameaçado por forças estranhas e ignoradas. Mais ignorância, mais inconsciência, mais medo de perder, exprime sempre, no homem, mais medo, mais insegurança, mais violência. Ninguém é mais violento do que o inseguro, o medroso, o covarde.

O medo paralisa a vida, embota a consciência, imobiliza os passos. O medo fabrica monstros, deflagra as guerras, devasta os horizontes da liberdade e da paz.

O medo, tanto individual, como social, *radicaliza-se no instinto de posse*. No adulto o medo manifesta um estágio de regressão à insegurança infantil. Quem está com medo tem sempre receio de perder alguma coisa. O medroso é *possessivo, é avaro, é fechado, é intrigante, é invejoso, é ciumento, é traiçoeiro, é vingativo*. Não tem a tranqüilidade do homem livre, idêntico a si mesmo, consciente de sua própria verdade, do seu próprio ser. O medroso tem medo de *ser* e por isso defende com unhas e dentes o *que tem*. Não depende *do que é*, mas *do que possui*. Não encontra alegria *no seu ser*, mas nas suas *propriedades*. O medo é o anti-amor. É o gemido do homem que não encontrou o caminho da liberdade do amor.

A LIBERTAÇÃO DO DESESPERO

O desespero é antes de tudo um estado de desengano. O desesperado é o homem que perdeu a capacidade (ou nunca a teve) de perceber a significação de sua própria existência, da existência do mundo, do sentido da vida, do sentido da dor, do sentido da morte, do sentido do amor. *O homem se alimenta do sentido*. Nada mais trágico do que um ser humano que não encontra mais sentido em nada. O desespero é a suprema frustração de uma existência. É um mal de cura difícil. Com efeito, o desesperado se sente fracassado, caído no chão, "no fundo do poço", sem coragem de se levantar e caminhar e sem querer que ninguém ajude. O desesperado é um homem que chegou ao cúmulo da solidão. Não é solidário e não aceita o gesto da solidariedade. Não gosta do bom samaritano. Prefere a solidão dos caminhos desertos sob a ameaça das hienas e dos chacais. O desespero é a

revolta contra o ser. É autopunição. É autodestruição. É um suicídio.

Na vida de todos os dias encontramos milhares e milhões de desesperados. Os que atentam diretamente contra a própria vida são raros. Mas há os outros por aí que não amam a própria vida, nem a vida dos outros. Tantos acidentes de trânsito não revelam uma falta de amor pela vida?

Quanta gente por aí, com vontade de sumir e desaparecer! Quanta gente, por aí, com a solidão dentro do peito, envolta de uma tristeza que não tem mais fim! *A fuga é um sintoma muito comum do desespero*. A bebida, os narcóticos, os "tranqüilizantes", o jôgo, a vida sem amor, sem compromisso, ao léu, sem se saber de onde se vem, nem para onde se vai.

Há também uma forma de desespero que pode passar bem despercebida — é o *desânimo*. O desanimado não vê mais sentido para o esforço. Conforma-se em arrastar a vida como um mutilado sem esperança e sem glória.

A CORAGEM DE SER

Só existe um caminho — assumir o risco de ser homem, o risco de viver, o risco de ser. Deus se fez homem para que o homem se tornasse deus. E só através da coragem em ser homem é que o homem se torna disponível para Deus.

A fé não é uma projeção fantasiosa do nosso medo. Ela nos engaja no mais profundo da condição humana, no maior de todos os riscos — o de se dar, o de amar até o fim, o de ser livre. Para esse compromisso radical, algumas condições são necessárias.

O SILÊNCIO

O silêncio é o clima de espírito. É o espaço íntimo em que o nosso ser se concentra, se aprofunda e se universaliza. Um homem que é capaz de silêncio está pronto para viver a vida. Temos muito medo do silêncio. Temos medo de nós próprios, de nossa própria verdade. Temos medo de nossa face ou medo de encontrar algum monstro em nós escondido. Não nos concentramos. Vivemos no tumulto fora e dentro de nós. Quando chegamos do tumulto da cidade, poderíamos encontrar em casa algum silêncio... aí ligamos o aparelho de televisão... Ser capaz de silêncio é ser disponível à vida mais profunda que palpita dentro de nós e que espera libertar-se das opressões.

A DECISÃO

A decisão é um ato de liberdade. Ela brota do fundo do ser, do fundo do silêncio. O inseguro nunca decide, ou se decide. Vive em tumulto interior. Quando não somos capazes de fazer silêncio dentro de nós, dificilmente poderemos decidir em profundidade. E então ficamos a reboque da vida, vítimas dos acontecimentos, objeto das decisões dos outros ou pressionados pela máquina de fazer autômatos que é a sociedade em que vivemos.

Só consentindo é que se pode viver a liberdade. Consentir em ser, em viver, em amar, em sofrer, em lutar, em ganhar, em perder. Mas é preciso consentir. É preciso decidir. Decidir-se.

O RISCO

Viver é um risco. Amar e ser feliz é um risco. Só ama quem é capaz de jogar a vida, de dar a vida. O desesperado não quer viver. O medroso tem medo de ser. Ser homem é ter a coragem de amar, de viver plenamente a vida com suas grandezas e suas misérias. O supremo amor revela a suprema maturidade. Santo é o homem que amadureceu a sua capacidade de amar, de se dar, que teve a coragem de ir até o fim nas exigências do seu ser — faminto de luz, de liberdade e de amor. A santidade é a maturidade do homem no plano do amor, do dom de si.

O homem maduro não tem medo de nada. Não tem medo de si, não tem medo dos outros, não tem medo da vida, não tem medo de perder, *não tem nada a perder*. Não tem medo de fracassar, não tem medo de cair... Não há vitória nem derrota no plano subjetivo. Há o cumprimento de um designio, de uma decisão, de uma opção. Há a coragem de assumir a própria vida e dá-la num gesto de imolação consciente.

No silêncio, o Verbo de Deus se fez homem. No silêncio da opção, no silêncio da decisão consciente e livre, o homem assume a coragem de ser. Ser homem para se abrir ao universo infinito do ser, da ação e da intimidade de Deus.

(Ver, sobre outros prismas, o livro de Tillich, da Editora Paz e Terra — *a Coragem de Ser*).

FRANCISCO DE ARAÚJO

O SENHOR VIVE

**POR QUE ESTAS DÚVIDAS
NO CORAÇÃO DE VOCÊS?
VEJAM MINHAS MÃOS E
MEUS PÉS, SOU EU MESMO.
APALPEM E VEJAM: UM
ESPÍRITO NÃO TEM CARNE
NEM OSSOS COMO VOCÊS
ESTÃO VENDO QUE EU TE-
NHO**

•
Eles deram o testemunho: "Vi-
mos o Senhor!" (Jo 20,25). A His-
tória pode avaliar este testemu-
nho. E para o cristão isso é um
dever, porquanto se Cristo não
ressuscitou, vã é nossa fé (I Cor
15,17). De qualquer modo, porém,
sempre nos competirá a fé, pois
no momento não nos é possível
uma verificação direta do fato. E
mesmo que o fôsse, ainda assim,
em nossa situação atual, teria-
mos que crer. A Tomé, Cristo
respondeu: "Você acreditou por-
que viu? Felizes os que crêem
sem ter visto" (Jo 20,29).

A ressurreição não foi a opinião
de um ou de outro dos amigos
de Cristo. Não foi uma opinião
que aos poucos prevaleceu: desde
o início, foi a mensagem básica
de todos os seguidores do Senhor.
E estes seguidores, o que tinham
de simples, tinham de objetivo.
Eram autênticos. Tudo, menos
construir a vida sobre a mentira.
Por causa disso, Cristo foi mes-
mo obrigado a insistir: "Por
que esta perturbação e por que
estas dúvidas no coração de vo-
cês? Vejam minhas mãos e meus
pés, sou eu mesmo. Apalpem e
vejam: um espírito não tem carne
nem ossos como vocês estão ven-
do que eu tenho" (Jo 24,38-39). E

vem ao caso a simplicidade exi-
gente de Tomé: "Se eu não en-
xergar nas suas mãos o sinal dos
pregos, e não puser o dedo no
lugar dos pregos, e não introduzir
a minha mão no seu lado, não
acreditarei!" (Jo 20,25). Realmen-
te, tudo, menos construir a vida
sobre a mentira.

O que o Evangelho conta é
vida, e não tese. Os acontecimen-
tos da ressurreição têm a côr e
as *contradições* da realidade. Não
têm nada de semelhante com a
rigidez e a lógica das coisas abs-
tratas. As variações, as *discor-
dâncias* são muitas. A concordân-
cia está apenas num túmulo va-
zio e no Senhor que vive. De onde
se esperava a morte nasce a vida.
O Senhor ilumina as portas fe-
chadas, o medo, o susto, as lá-
grimas e o Pedro que pula quase
sem roupa dentro do lago. De
onde se esperava a morte nasce
a vida. As *discordâncias* revelam
tôda a simplicidade e certeza da
Igreja primitiva.

Em todos os lugares onde apa-
rece, o Senhor não encontra pes-
soas predispostas, não encontra
visionários. Encontra, sim, ami-
gos desanimados, descrentes e
sem esperança. Estes encontros
com os sem-esperança não são

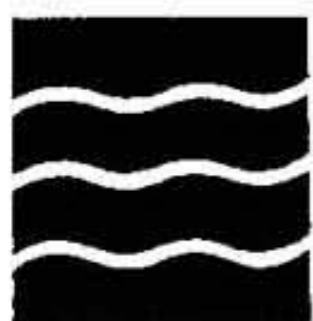
triumfalismo. Tudo é simples, humano e quase idílico: Maria Madalena chega a confundi-lo com o jardineiro. Se quisermos entender a verdade da ressurreição, olhemos bem o quanto as situações estão trocadas: o Crucificado encontra-se vivo e os vivos estão marcados pela sexta-feira da Cruz! No entanto, foi nesses homens selados pela cruz que o Ressuscitado fez desabrochar o Reino de Deus. A semente brotou de dentro da terra. Os amigos de Cristo alcançaram toda a dimensão do mistério: da sexta-feira chegaram ao Dia do Senhor. E começaram a anunciar a Alegria da Libertação. Parece que muitos cristãos não conseguiram ainda sair da sexta-feira santa: para eles, a Cruz vale mais que o Senhor. E por isso, tal cristianismo é uma mensagem antipática: é a religião dos que nada entenderam da Ressurreição, da alegria, do humano renovado. Cristo não se mostrou aos fariseus. Seria perder tempo: o fariseu não era um homem-todo. Ele não queria ver a realidade: vivia ensimesmado, às voltas com suas leis e suas roupas. Era incapaz de enxergar, por exemplo, um problema de injustiça.

De fato, só na fé encontraremos o Senhor. É de dentro de nós que o vemos fora: quando ele falar, quando ele partir o pão, quando ele viajar ao nosso lado... E nós encontraremos, também, a nova criação em processo: a gloriosa libertação dos filhos de Deus.





A CHINESA



**ARTES
E TÉCNICAS**

Poucos cineastas são tão fechados sobre si mesmos como Jean-Luc Godard. É um pretensioso que xinga a crítica especializada e deita falação à imprensa. Afugenta fanzocas e espectadores sérios. Ri-se do público. Mas também é um cineasta transmissor da realidade e dos sinais do tempo. É um sismógrafo por excelência. E a revolução cultural de Mao é uma realidade e uma atualidade. Ele não é chinês, nem seus personagens são chineses, mas êle foi tocado pelo fenômeno «revolução cultural». Querendo filmar (e deve filmar) o que vê, cria imagens da realidade, a torto e a direito, uma por cima da outra, se necessário. Toma o livrinho vermelho de Mao e vê o que cinco personagens fazem com êle na França.

Os personagens

Cinco jovens passam suas férias na casa de uma amiga. Verônica estuda Filosofia, e a revolução cultural provoca nela a vontade de confrontar a teoria com a prática. Guilhaume, homem do teatro, quer a revolução cultural do teatro e atôres engajados que desejem a reflexão e a contribuição do espectador. Henri é estudante de Lógica da Economia, uma espécie de fiscal do grupo. Kirilov é um pintor extremamente sensível e emocional. Pinta *slogans* nas paredes. Yvone é moça do interior que se perdeu na cidade. Salva pelo grupo, sua inteligência permite apenas que faça os trabalhos caseiros, compartilhando desta maneira do idealismo dos companheiros. Ela é a opinião corrente da grande massa.

Tipos de hoje

São cinco tipos "que representam a si mesmos", no dizer de J. L. Godard. É os caracteriza com dados secos, num *décor* fechado, sem fundos, sem horizontes. Verônica deseja atos imediatos e violentos como única solução viável para conseguir um ensino completamente livre não engajado. Por isso, ela propõe (e executa) o assassinato político de um professor da universidade. Henri é o dogmático citando textos do *livrinho vermelho*. Esta contra esse ato de terrorismo, porque acredita na coexistência pacífica. É expurgado como *revisionista*. Kirilov, o idealista que por intuição acredita no ideal absoluto espiritual e religioso, quer executar o assassinato com uma espécie de ação mística e de auto-sacrifício. Não o deixam fazê-lo, e ele se suicida. Verônica o fará. Seu ato será a centelha para o desencadeamento de desordens que deverão fechar a universidade, para que possa começar o ensino realmente livre. Ela mata o professor e por engano mais outro homem. A universidade, porém, fica em pé. As férias passam. Guilhaume torna-se ator ambulante. Lê enérgicamente Bertold Brecht e Racine para quem quiser ouvir. Yvone vai vender *l'Humanité Nouvelle* de tendência chinesa, lado a lado com Henri que vende *l'Humanité Dimanche* moscovita. Verônica volta para seus estudos com a expe-

riência enriquecida por uma conversa com o filósofo Jeanson sobre humanismo: o humanismo vale mais do que puro terrorismo. Esta conversa a faz vacilar em suas convicções.

O engajamento de Godard

Godard em geral apresenta anotações passageiras, porém bem construídas, sobre alguns tipos que querem fazer em 24 horas o que exige uma longa marcha do tempo. Aí está o ponto fraco do filme. Os jovens franceses apresentados estão num período de formação política, social, humana, como os jovens chineses. Entretanto, este ponto de partida é um pouco falho, quando, levando em conta a motivação, completamente diferente, comparamos a revolução maoísta com a mini-revolução dos jovens franceses; estes crescem num país desenvolvido enquanto a juventude chinesa é tirada do nada. Mas fora disso, Godard lança um olhar clínico, porém lúcido, sobre determinados jovens, fazendo um filme aparentemente objetivo, pois ele é um engajado. Mas, engajado em quê? No comunismo? Nem de longe! Pois ele faz uma crítica feroz ao comunismo moscovita com suas duas faces de Janos: uma que é contra os Estados Unidos, outra que negocia com eles. Daí a raiva do PC da França e do *l'Humanité*. No comunismo de Mao, então? Ainda menos. Pois ele mostra o que fazem os cinco personagens: seu niquilismo, sua barbaridade e anarquismo que mata professores, que destrói valores culturais, deixando as estantes vazias de livros imortais para nelas colocar só o *livrinho vermelho* como única fonte de salvação.

Será ele engajado na esquerda festiva? Não. A esquerda festiva vive em contradição: protesta, nada faz e tem de tudo. Godard é tanto contra a esquerda festiva quanto eu contra certa esquerda católica que fala, e fala, e continua falando, em milhões de reuniões (ah, que delícia de reuniões!), mas que não "vende tudo que possui" para seguir a Cristo e que fica com seu carrinho querendo "instalar-se na vida em vez de embrenhar-se no sertão do Nordeste ou do Amazonas para viver a vida dos sub-homens, alfabetizando-os, ensinando-lhes profissões úteis e dignificando-os".

Godard zomba das esquerdas festivas, mostrando como estão fazendo *revolução* com armas de brinquedo, com máscaras ferozes de papel que não fazem mal a ninguém. Godard está engajado em duas coisas. Primeiro, na sinceridade dos jovens: Godard emociona-se com a generosidade inicial daquela massa anônima, cega (focaliza duas ou três vezes uma figura de capuz preto), com a pretensiosidade, com a inabilidade e falta de experiência. Depois, ele está engajado, acima de tudo, no cinema, num cinema de realidade com o qual ele sonha. Um cinema sem ideologias, sem política dos Estados Unidos, sem Maoísmo, sem De Gaullismo, sem Vietname, sem Batman, sem Barbarella, sem *happings* e sem *slogans* (põe um tigre no seu tanque!) que petrificam o que há de mais essencial no homem. Não quer fazer filmes dramáticos no sentido mais largo da palavra *drama*, isto é, ação fictícia ou não, cheios de estruturas e formalismos que matam o espírito. Seus filmes ostentam falta de lógica, falta de conexões. São agressivos, pretensiosos, mas apesar de tudo a gente deve amá-los. Godard é quase um quarentão. Aprendeu a tomar distâncias das coisas, mas nunca a aceitá-las. Acha a liberdade do espírito e até a liberdade material uma ficção, ligada como está ao homem e seus princípios, seus sentimentos e símbolos do seu *status*. O homem deixa-se explorar, prostituir e trair, submetendo-se às normas hipócritas, a valores aparentes e ao vazio. Disto está cheia a obra de Godard como expressão pessimista e revoltada da sua concepção de vida. E... no entanto, amamos Godard e sua sinceridade, sua vivacidade nervosa e sua originalíssima originalidade, seu emprêgo artisticíssimo de um meio de comunicação. Ah, como Godard é comunicativo, como abala a gente! Como limpou o cinema de muitas coisas impresentáveis, como nos põe em contato com a realidade, apesar da sua limitação e aparente inabilidade!

GUIDO LOGGER



PARECE desnecessário voltar neste capítulo à importância da informação e da formação cinematográficas. O que é verdade para os seminaristas e o padre, que são chamados para a vida pastoral, o é igualmente para a religiosa que se inicia ou é liberada para a vida de apostolado. O apostolado da religiosa, aliás, tende cada vez mais a engajar-se numa pastoral de conjunto. Ela não pode, portanto, negligenciar nenhuma perspectiva de evangelização, limitando sua ação à tarefa que lhe foi entregue.

Face a esta realidade, qual é a posição das religiosas?

São raras as religiosas que hoje em dia condenam o cinema em geral, como ainda faziam muitas vezes, algumas décadas atrás.

As jovens gerações estavam habituadas, antes de entrar no noviciado, a irem mais ou menos freqüentemente ao cinema. Poucas, porém, foram beneficiadas com uma formação em cine-clubes.

As religiosas mais maduras ou idosas nem sequer conhecem o cinema. Quando muito, assistiram a alguns filmes chamados *religiosos*, de qualidade medíocre ou francamente ruins. Elas não têm formação alguma para julgar o valor daquelas obras a não ser que, no plano literário e artístico, sua instrução escolar secundária ou apenas primária lhes tenha dado uma base para apreciar obras clássicas e modernas de todo o gênero, oferecidas ao mundo atual.

A maioria das religiosas cuja maneira de viver é apostólica está em contato contínuo com adultos, adolescentes e crianças cuja mentalidade é penetrada pela influência do cinema. Fora as comunidades especializadas no tratamento de pessoas idosas ou aquelas que trabalham em regiões bastante atrasadas, pode-se dizer que todas as congregações com vida apostólica têm que tomar em conta esse fato.

Discordando de alguns conceitos (assinalados na hora) achei, no entanto, válido o trabalho da Irmã Marie Edmond, sobretudo para uma tomada de consciência do problema por parte de todas as religiosas.

Este trabalho se encontra no livro *Cinéma, Télévision et Pastorale*, da coleção *Recherches pastorales*, Éditions Fleurus, Paris, capítulo IV, pp. 143-149.



**PROBLEMAS
PASTORAIS**

Até agora a informação e a formação cinematográficas são quase inexistentes nas congregações religiosas. Às vezes, uma ou outra religiosa, professora ou educadora na paróquia, é chamada para formar-se individualmente, mas isto é uma exceção.

Quais as razões da falta de formação cinematográfica das religiosas?

Antes de tudo, uma certa desconfiança com respeito ao cinema. Esse não é mais rejeitado *em si*, como já dissemos acima, mas pelo caráter imoral de uma grande parte de suas obras. É preciso reconhecer que a produção cinematográfica, no seu conjunto, adula as paixões humanas mais baixas em vez de educá-las e elevá-las (1).

Em seguida, as religiosas engajadas na vida apostólica têm, quase todas, encargos esmagadores, ou como enfermeiras à cabeceira dos doentes, de manhã à noite, se não fôr da noite até de manhã, ou como professoras que aliam sua tarefa de ensinar, tão delicada quanto absorvente, àquela de educar. Ou ainda, a religiosa é professora de paróquia e assistente social sem a possibilidade de realizar nem a décima parte dos encargos que o vigário, em sua paróquia descristianizada, gostaria de lhe confiar. Quando o apóstolado lhe deixa um pouco de lazer, o desejo da religiosa é voltar à vida da comunidade, à oração que constitui a alma e a razão de ser de sua existência. É aí que ela encontra a alegria que muitos leigos procuram normalmente alhures, nas distrações como o cinema.

Portanto, a natureza do cinema (ocupação de lazer, isto é, meio de passa-tempo, evasão) é que parece contrária à própria vocação religiosa. Vocação essa que apela para a renúncia, para o esquecimento de si, em vista do serviço único de Deus e das almas. Certamente, a religiosa precisa, às vezes, como todos os seres humanos, de descanso; mas

não é numa ocupação deste gênero que ela o procurará. Seus votos de castidade, pobreza e obediência tornaram-se o modo de viver de sua existência. As obras cinematográficas atuais no seu conjunto não podem alimentar a sua vida de consagrada.

Esses vários motivos explicam por que as religiosas ficaram afastadas do cinema até agora. Mas não é a questão de colocar em causa as razões precedentes. Pelo contrário! Não é a título de *distração* que tencionamos a educação cinematográfica na formação das comunidades religiosas. É por serem os filmes demasiadamente apresentados sob este aspecto que as religiosas não se interessam por eles.

Por que então propor às congregações uma educação cinematográfica?

Antes de tudo, porque as mulheres cuja vida é dada às almas para Deus *não podem ignorar a linguagem dos homens do seu tempo*. "Fazer-se tudo para todos, pagão com os pagãos, judeu com os judeus, a fim de ganhar a todos" — disse São Paulo. Nossa civilização ocidental, que até os últimos tempos foi comandada por conceitos abstratos, tende a abandoná-los em proveito dos elementos de conhecimentos sensíveis. A realidade das coisas é

compreendida pela inteligência através da *imagem* e do *som*... Não podemos negligenciar esta maneira de expressão sob pena de ficarmos à margem do nosso tempo. É preciso falar àqueles que nos rodeiam na sua linguagem, não para ficar com sua maneira de pensar, mas para entendê-la e orientá-la para o Senhor.

Quem poderá medir o que o gosto atual pela Bíblia deve ao cinema? Segundo se constata, o cinema, bem mais que os livros de instrução religiosa, tem formado aos poucos categorias mentais que se ajustam de modo muito melhor ao estilo bíblico.

Quem dirá a contribuição que o cinema tem dado à renovação litúrgica, despertando na sensibilidade contemporânea a necessidade de ver, de sentir, a fim de libertar-se de uma vida desumana?

A verdadeira resposta à necessidade de fuga que os homens procuram no cinema como um acalmante, é a celebração litúrgica que fala aos olhos e ao coração, que é a evasão do terra-a-terra, certo, mas uma evasão para a realidade da graça.

Face à multidão que em ondas entra nas salas de cinema, a resposta é a vigília pascal. Na noite, como no cinema, que torna o invisível visível, numa sequência admirável de *flash-back's*, convergindo para todos os pontos semelhantes à montagem do *Trá-*



No filme PERSONA (Máscara), a única palavra que uma atriz de teatro consegue pronunciar ao longo de todo o filme é: NADA!

gico amanhecer (Le jour se lève, de M. Carné), a liturgia faz reviver com extrema verdade sensível os grandes momentos da história da salvação para recapitulá-los finalmente no mistério que não somente a resume, mas a torna imediata e realmente presente para aqueles que não são mais espectadores, mas atôres autênticos (cf. Edmond Vandermeersch, em *Échanges*, nº 18).

O cinema é uma arte e, como tal, um meio privilegiado de louvor e de conhecimento. Os tempos medievais, graças à arte, colocavam as mais altas concepções da teologia e da ciência ao alcance das inteligências mais humildes, seja através dos vitrais e das esculturas das catedrais, seja no teatro popular que, simplesmente, ensinou os homens a filosofar e a rever os grandes mistérios da fé. O cinema nos conduz pela descrição do mundo, do pecado e da graça, a ver realidades que sem ele só com dificuldade teríamos percebido.

É necessário ainda que sejamos capazes de ler a imagem filmica. Basta ver um filme numa sala ocupada por um público de religiosas para se dar conta até que ponto elas ignoram a linguagem cinematográfica. Elas se entusiasma-mam por obras mediocres, cheias de bons sentimentos, e passam cegas por obras-primas. É assim que vimos dar importância a um filme ruim como a vida de Santa Bernadete, *Il suffit d'aimer*, e, alguns anos antes, saírem decepcionadas e escandalizadas com o *Journal d'un curé de campagne* (2).

Não é seu senso religioso que está em causa, certo, mas, não tendo verdadeiro conhecimento do cinema, elas não souberam ler as imagens. Quando os temas cristãos tão importantes são oferecidos ao público, é indispensável, primeiro, que as religiosas não as leiam a torto e a direito e, em seguida, que elas saibam fazer com que as almas das quais cuidam descubram as realidades profundas, boas ou más, contidas nas imagens. Com efeito, inconscientemente, estas realidades formarão a mentalidade dos espectadores.

Quanto mais exigentes forem os espectadores em relação à qualidade das obras que lhes são oferecidas pelos produtores, tanto mais eles depurarão seus filmes.



PROEZAS DE SATANAS NA VILA DO LEVA-E-TRAZ aborda a problemática do mal: a injustiça para com os sub-homens, a tecnocracia destruindo e alienando a pessoa humana, a demagogia falaciosa dos políticos

Obstáculos a esta formação das religiosas

Os leigos e os sacerdotes preocupados com a formação cinematográfica têm à sua disposição uma variedade de meios capazes de satisfazê-los: cineclubes, jornais de informação, de formação, cinema de ensaio. Para as religiosas, nada está previsto. Em geral, elas não podem participar dos cineclubes que funcionam, à noite, numa hora em que elas não podem sair da comunidade (3).

Algumas raras sessões, organizadas "para as religiosas", projetam filmes, válidos do ponto de vista moral, mas mediocres pela qualidade artística (4).

De qualquer maneira, elas não são acompanhadas pelo cine-clubê, nem por uma iniciação cinematográfica. Os jornais de informação, revistas como *Télérama* ou *Téléciné* não podem ajudá-las de verdade, se elas não assistirem, de tempo em tempo, pelo menos, a um filme. Ora, atualmente, mesmo quando um filme é selecionado, as religiosas não podem assistir a ele em um cinema de bairro. O ambiente da sala, as atualidades, as curtas-metragens, com raras exceções convêm ao seu caráter de "consagradas" e "separadas do mundo" (5).

Sugestões para a formação das religiosas

Aqui, tenho de abandonar o texto original que se aplica apenas à França e substituí-lo por algumas indicações práticas para o Brasil.

Quanto à informação e formação, existe, na Conferência Nacional dos Bispos, a Central Católica do Cinema (CCC) que fornece mensalmente fichas informativas e formativas sobre os filmes estreados no Rio. Além dessas fichas comuns, existem fichas analíticas de filmes importantes, obras-primas ou não, filmes premiados pelo OCIC etc. Não vejo nenhum inconveniente em religiosas irem (no Rio) aos cinemas Paissandu, Alvorada, onde geralmente passam filmes de valor, filmes que dão uma imagem do nosso tempo, do que se vive no cinema internacional de hoje. Também a Cinemateca do Museu de Arte Moderna apresenta um programa interessante.

Cursos, existem vários. No Rio de Janeiro: Curso da ASA, em combinação com a PUC, cursos no Museu da Imagem e do Som, e no Centro de Estudos Internacionais (Colégio Brasileiro de Almeida, em Ipanema) etc. É só acompanhar a página de Cinema nos jornais para ver quando esses cursos se realizam.

Nas cidades de Pôrto Alegre e Curitiba funciona a CCC dos regionais Sul II e Sul III dentro do departamento da Opinião Pública. Certamente, oferecerão, de tempo em tempo, cursos de iniciação.

Em Belo Horizonte, existe há sete anos a Escola Superior de Cinema da Universidade Católica de Minas Gerais. Além do seu curso de formação de cineastas, técnicos de cinema, críticos etc., organiza todos os anos um curso de férias, em janeiro, de três semanas, para iniciação e depois também para aperfeiçoamento.

O mesmo encontramos em São Paulo, na Escola Superior de Cinema da Faculdade de São Luís. As religiosas podem dirigir-se também ao Sr. Hélio Furtado do Amaral, do Juizado de Menores, caso queiram uma organização de cursos.

Aqui estão algumas indicações práticas para as religiosas no Brasil. Quero terminar com a autora do capítulo: "A fim de anunciar a salvação, é preciso aprender a linguagem e a cultura daqueles que devem ser evangelizados. O cinema é uma vocação insubstituível no seu tempo e no seu lugar. Será que as religiosas também saberão descobri-la? Saberão elas levá-la ao termo desejado por Deus?"

O cinema é um traço de união. Será que nós somos capazes de fazê-lo servir à glória do Pai?"

*Tradução e adaptação do PE.
GUIDO LOGGER*



Do filme A CHINESA

- (1) Discordo desta visão pessimista da autora. Sômente uma pequena parte da produção cinematográfica (não chega aos 5%) pode ser qualificada desta maneira (N. do T.).
- (2) O mesmo observei com respeito ao grande filme de Pasolini, *O Evangelho Segundo Mateus* (N. do T.).
- (3) A autora parece considerar, para a religiosa, a permanência em casa à noite como necessidade absoluta. É um ponto-de-vista ultrapassado. Centenas de religiosas, hoje em dia, freqüentam cursos noturnos. Por que não freqüentariam uma vez por semana um cine-clube? (N. do T.).
- (4) Lembro, por exemplo, o filme *A vida quis assim ou Seguirei teus passos* (N. do T.).
- (5) Não concordo absolutamente com as expressões "consagradas" e "separadas do mundo" depois do esquema 13 do Concílio Vaticano II. O livro, aliás, foi escrito antes do final do Concílio e antes do Decreto sobre a vida religiosa. O ambiente das salas, sobretudo na parte da tarde, nos bairros das nossas capitais e grandes cidades, não é tão ruim assim no Brasil. Quanto às "atualidades" e curtas-metragens, jamais vi, durante os trinta anos que vou ao cinema no Brasil, alguma que não pudesse ser vista por uma religiosa. As curtas-metragens giram, de modo geral, em torno das grandes indústrias do Brasil, grandes empreendimentos do Governo federal ou estadual (N. do T.).

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA

Formação Catequético-Bíblica
(iniciação ao Antigo Testamento)

Formação Catequético-Bíblica
(iniciação ao Nôvo Testamento)

Pré-Nupcial

Parapsicologia

Enfermagem do Lar

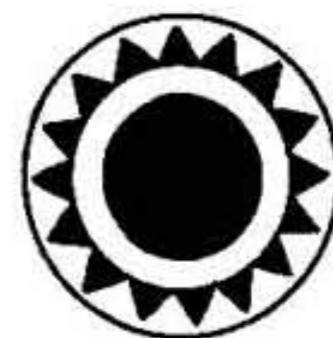
Yoga Cristão

Português Básico

Escreva para

Informac — Instituto Franciscano de
Formação e Cultura

Rua Santa Rita Durão, 1033
Belo Horizonte — Minas Gerais
C. P. 1210



REPORTAGENS

O mundo reclama hoje reconhecimento da dignidade humana, igualdade social para todas as classes, está sequioso de liberdade e tem consciência de sua responsabilidade. Nossa moral deve ser o Cristo, deve ser expressão de amor e liberdade, deve desenvolver em cada um a responsabilidade pessoal e comunitária

MÁXIMOS IV

A 5 de outubro de 1967, morria em Beirute, no Líbano, Sua Beatitude o Patriarca Melquita Máximos IV Sayegh, que teve atuação destacada no Concílio Ecumênico Vaticano II. Os traços marcantes da sua personalidade e as importantes teses por ele defendidas no Concílio o assinalaram como uma das mais notáveis figuras da Igreja contemporânea. Nasceu em Alepo, na Síria, em 1878. Depois de estudar no Seminário de Santana em Jerusalém, ingressou na Congregação dos Missionários Paulinos recém-fundada. Em 17 de setembro de 1905 ordenou-se sacerdote e em 1912 foi eleito superior geral da sua

congregação. Em 31 de agosto de 1919 foi sagrado arcebispo da cidade de Tiro, no sul do Líbano, e em 1933 foi transferido para a sede metropolitana de Beirute, na capital do Líbano. Entre suas obras merecem menção especial a construção da nova sede do arcebispado e o lançamento de um boletim arquidiocesano. Em 28 de março de 1938 fundou a Congregação das Missionárias de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Tudo isso, porém, era um prelúdio para a sua eleição como Patriarca da Igreja melquita sírio-libanesa a 30 de outubro de 1947. Os vinte anos do seu patriarcado foram os mais fecundos, especialmente no que concerne à projeção melquita no exterior. Depois de notável atividade no Concílio Ecumênico, a 22 de fevereiro de 1965, recebeu em Roma o título de cardeal.

A preciosa contribuição melquita para o êxito do Concílio Ecumênico explica-se, de um lado, pela própria vocação dos melquitas, que se consideram agentes de união e de aproximação entre a Igreja Oriental e a Igreja Ocidental e, do outro, pelo clima de liberdade nas discussões que os Papas João XXIII e Paulo VI proporcionaram aos padres con-

ciliares. A Igreja melquita mantém um contato tradicional com a Ortodoxia Oriental, sem por isso fechar-se para o pensamento ocidental. No Concílio essa Igreja Oriental trouxe um pensamento e uma experiência complementares, de que o Concílio muito precisava. Na marcha de sua evolução, o Ocidente chegara a um impasse, cuja única saída era a volta às fontes do Evangelho e da Tradição Apostólica Oriental.

O Patriarca Máximos, trabalhando em equipe com sua hierarquia, defendeu no Concílio as seguintes teses: colegialidade episcopal, necessidade de criar uma instituição permanente para os problemas ecumênicos, renovação litúrgica, direitos e privilégios dos patriarcas orientais, reforma da Cúria Romana, dignidade e respeito ao rito próprio, renovação da instituição do diaconato, maior abertura em relação a certos problemas morais (natalidade, casamento etc.).

Um livro intitulado *A Igreja Grega Melquita no Concílio* resume discursos e notas de Sua Beatitude e dos prelados melquitas no Concílio Ecumênico Vaticano II. Damos a seguir a tradução de alguns trechos das principais intervenções. A simples lei-

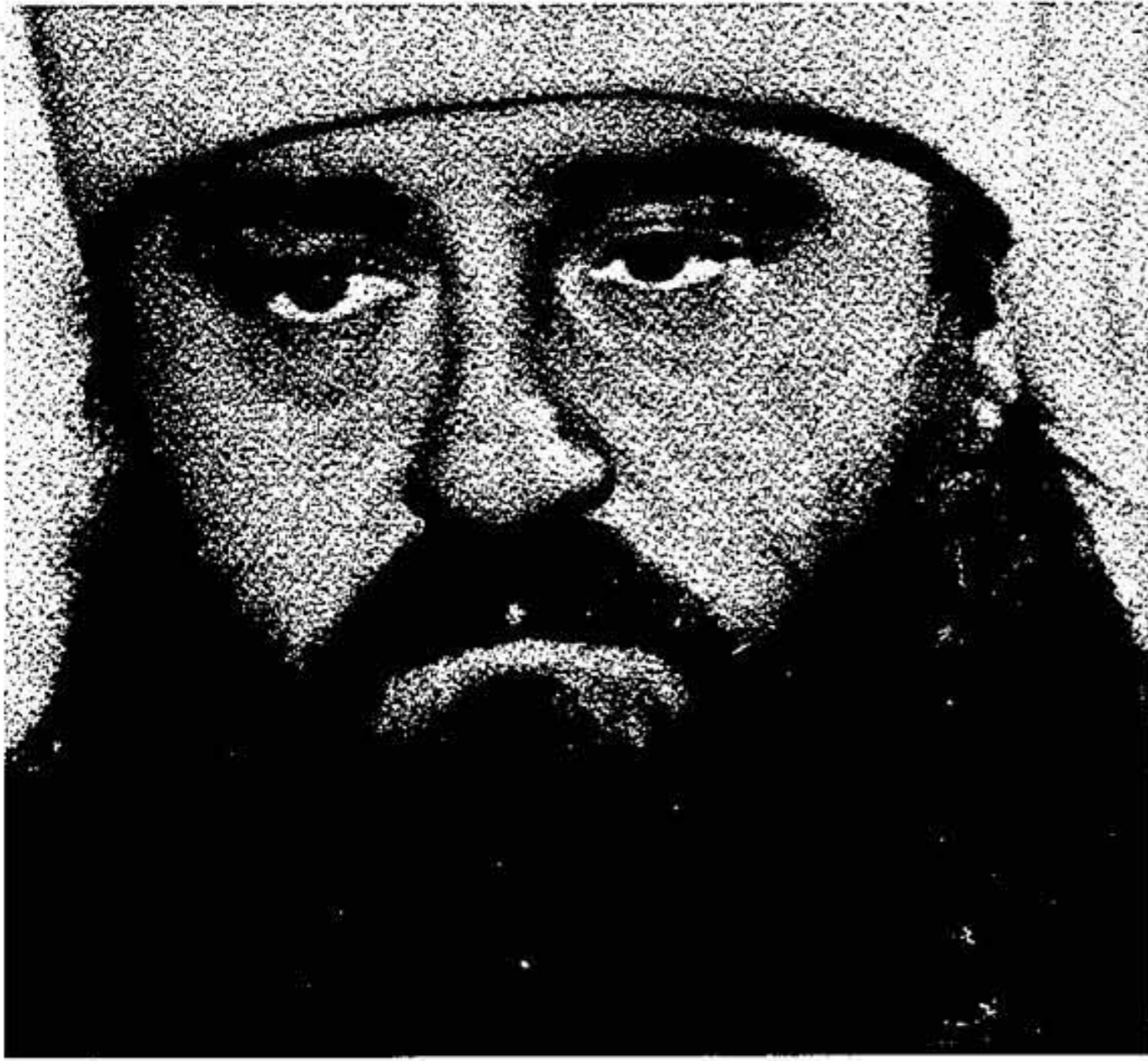
tura já dá uma idéia do vigor do pensamento, da coragem da expressão e do grande zelo pastoral de seus autores. Quando se anunciava uma intervenção do Patriarca Máximos, os bares laterais instalados na Basílica de São Pedro se esvaziavam e todos os padres conciliares corriam para ouvir e aplaudir o Patriarca Máximos.

Monsenhor Georges Hakim sucedeu a Máximos IV, à frente da Igreja greco-melquita. Foi eleito a 20 de novembro de 1967, unanimemente, por todos os bispos que pertenciam a esse patriarcado, reunidos então no mosteiro Ain Traz, nas cercanias de Beirute. Ao ser investido no novo cargo, anunciou que tomaria o nome de Máximos V, em memória de seu predecessor. Mons. Hakim nasceu em Tanta, no Egito, em 1908. Foi Arcebispo de Nazaré, de São João de Acre e de toda a Galiléia. Goza de grande prestígio em Roma e no Oriente, graças a suas brilhantes qualidades de inteligência e do senso diplomático, de que deu notórias demonstrações na solução de problemas surgidos entre católicos, árabes e judeus, no Estado de Israel.

Eis, traduzidos do livro supracitado, alguns textos de Máximos IV sobre assuntos que continuam sendo de grande atualidade:

ECUMENISMO

“A união das Igrejas representa para nós um problema grave e vital. Para nós em particular, orientais católicos de rito bizantino, a cisão das Igrejas é uma ferida que está sempre sangrando no recôndito de nossa alma. A união das Igrejas é nossa maior preocupação, nossa principal ocupação e o desejo mais ardente de nosso coração. É a meta que procuramos atingir com todo nosso esforço, e para cuja realização estaríamos dispostos a nos oferecer como vítima redentora. Trabalhar para essa união é por assim dizer nossa razão de ser e a missão fundamental que a Providência nos confiou individual e coletivamente... Chegou o tempo em que os cristãos devem esquecer as querelas do passado, nas quais, muitas vezes, os interesses humanos tiveram, de lado a lado, um papel mais determinante do que as divergências dogmáticas” (p. 386).



**NOVA APRESENTAÇÃO
DA MORAL**

“A educação para a maturidade e para a responsabilidade é uma exigência do tempo em que vivemos. Não estamos mais na Idade Média. A idade da infância foi ultrapassada. O mundo reclama hoje tenacidade e virilidade, reconhecimento da dignidade humana em sua plenitude, igualdade social para tôdas as classes. Este mundo possui intensa cultura intelectual, assiste a descobertas científicas, que ontem ainda eram inimagináveis, está sequioso de liberdade e tem consciência de sua responsabilidade. Pois bem, a este mundo não podemos mais, hoje em dia, impor leis, sem lhe mostrar a significação positiva e a sabedoria dessas mesmas leis.

Este estado de alma da sociedade contemporânea reclama uma revisão da apresentação do ensino de moral. De fato, este ensino, desde o século dezesseis, sobretudo, adaptou-se demasiado ao legalismo e à imaturidade de uma sociedade fechada e absolutista. O ensino atual está demasiadamente marcado pelo legalismo de uma época superada e impregnada de direito romano. Ora, nossa moral cristã deve ter um cunho cristocêntrico com uma expressão de amor e de liberdade. Ela deve desenvolver em cada um o sentido de responsabilidade pessoal e comunitária. Impõe-se, por conseguinte, obrigatoriamente, uma revisão profunda de muitas de nossas disciplinas, que são aliás mutáveis por sua própria natureza” (pp. 511-512).

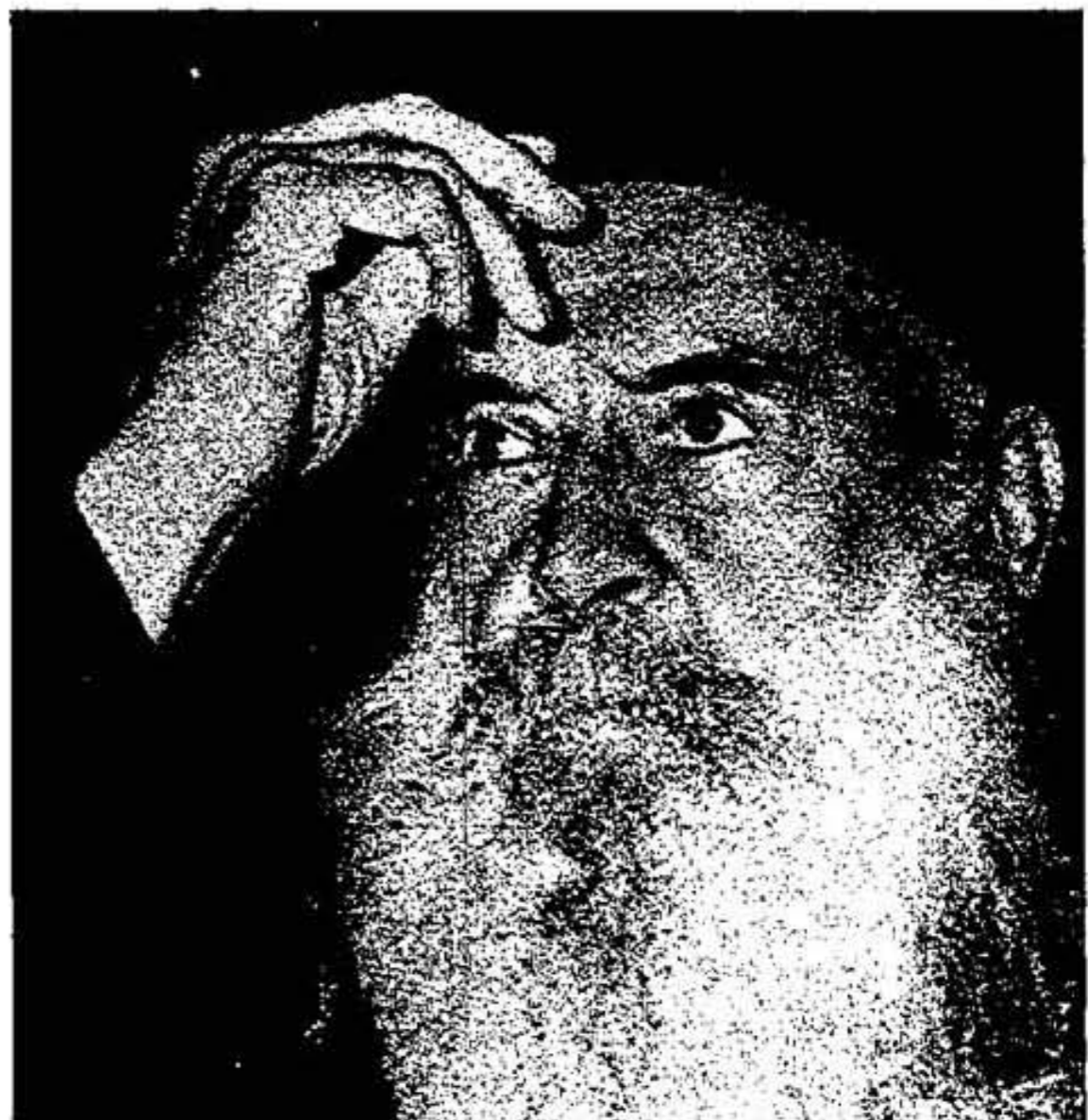
Acima: o metropolitano de Leningrado e Novgorod Nikodim. Abaixo: o patriarca de Constantinopla

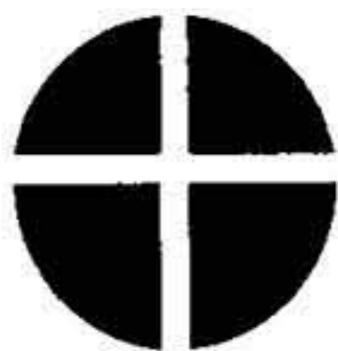
“No casamento, o pleno desenvolvimento da pessoa humana e sua integração no plano criador de Deus são uma coisa só. A finalidade do casamento não deve pois ser dissecada em finalidade primeira e finalidade segunda. Esta consideração abre horizontes para perspectivas novas a respeito da moralidade do comportamento conjugal examinado em seu conjunto.

Não estaríamos autorizados a perguntar se certas posições oficiais, nos meios eclesiásticos, não são tributárias de idéias ultrapassadas e talvez também de uma psicose de celibatários alheios a este setor da vida? Não estaríamos nós, sem o querer, dominados pelo peso da concepção maniqueia do homem e do mundo, para a qual o ato sexual, intrinsecamente viciado, só é tolerado em vista da procriação?

A retidão biológica externa dos atos seria neste assunto o único critério de moralidade, independentemente da vida do lar, do clima moral conjugal e familiar, e dos graves imperativos da prudência, regra básica de toda nossa atividade humana?” (p. 472).

PADRE ALPHONSE NAGIB SABBAGH, Pároco melquita de São Basílio, na Guanabara





IGREJA NO MUNDO

**objetividade e coragem da imprensa
uma teologia do desenvolvimento
II UNCTAD: um impasse
Thomas Merton, os
ultraconservadores, os hippies...**

Decisões do Concílio não estão engavetadas

As decisões do Concílio estão sendo postas em prática por Paulo VI, num ritmo que tranquiliza aqueles que por acaso temiam um engavetamento.

Por outro lado, passado o primeiro momento de euforia, as reações também estão bem mais visíveis. Estas reações, esperadas, mostram que as transformações fizeram mais que arranhar a superfície. Nem o próprio Papa se vê a salvo de críticas violentas e injustas. Houve mesmo um incidente desagradável de que foi protagonista o Cardeal Alfredo Ottaviani. Por ocasião da transmissão de seu cargo de Presidente da Congregação da Doutrina da Fé ao Cardeal Franjo Seper, o Cardeal Ottaviani deu uma entrevista extremamente infeliz ao semanário direitista *Il Borghese*. Entre outras afirmações inacreditáveis encontramos estas: "Se eu devesse hoje manifestar uma opinião sobre certos encontros, os julgaria como julguei a viagem de Giovanni Gronchi a Moscou. Nada mudou desde então. Eu somente sei que depois da audiência concedida por João XXIII a Adjuvei os votos comunistas na Itália aumentaram de um milhão... Quem estende a mão a um comunista é por ele atraído". Os encontros a que se refere Ottaviani parecem ter sido as audiências concedidas por Paulo VI a Andrei Gromiko, em abril de 1967, e ao presidente russo Nikolai Podgorny, em janeiro deste ano.



Paulo VI manifestou sua mágoa por estes ataques, em recente alocução, em que deplora os obstáculos que encontra não só por parte dos que estão fora ou contra a Igreja, mas também de elementos intrusos. Referem que o Papa, visivelmente emocionado, foi obrigado a interromper momentaneamente a sua alocução.

Em seguida à reforma da Cúria, e confirmando a prioridade atribuída pelo Concílio aos problemas de imprensa e opinião pública na Igreja, o Papa decidiu dinamizar o novo serviço oficial de imprensa do Vaticano, fundado em 1966.

Tal fato mostra uma nova compreensão do fenômeno de opinião pública e é mais um passo para melhorar as comunicações na Igreja. Mostra, também, que o Papa compreende a necessidade de uma imprensa capaz de abordar, com coragem e objetividade, os problemas candentes de um mundo em transformação.

Revisão da questão das ordenações anglicanas

A ordenação sacerdotal na Igreja Católica conferida *condicionalmente* pelo Bispo de Münster Dom José Höffner ao ministro anglicano John Jay Hughes está sendo muito comentada na Inglaterra e nos meios europeus. J. J. Hughes, nascido em 1928, em Nova Iorque pertencia à Igreja episcopaliana, tendo aderido à Igreja de Roma em 1959. Apresentou, recentemente, na Faculdade de Teologia da Universidade de Münster, uma tese de doutorado sobre o tema *Reavaliação das ordenações anglicanas*. Uma editora de Londres publicará dois livros de sua autoria sobre o assunto. Num artigo publicado na revista *Concilium*, J. J. Hughes resume assim suas idéias: "os argumentos utilizados pelos teólogos da época de Leão XIII para sustentar, em 1896, a não validade das ordenações anglicanas revelam a respeito dos reformadores protestantes idéias que concordam dificilmente com as proposições dos teólogos contemporâneos".

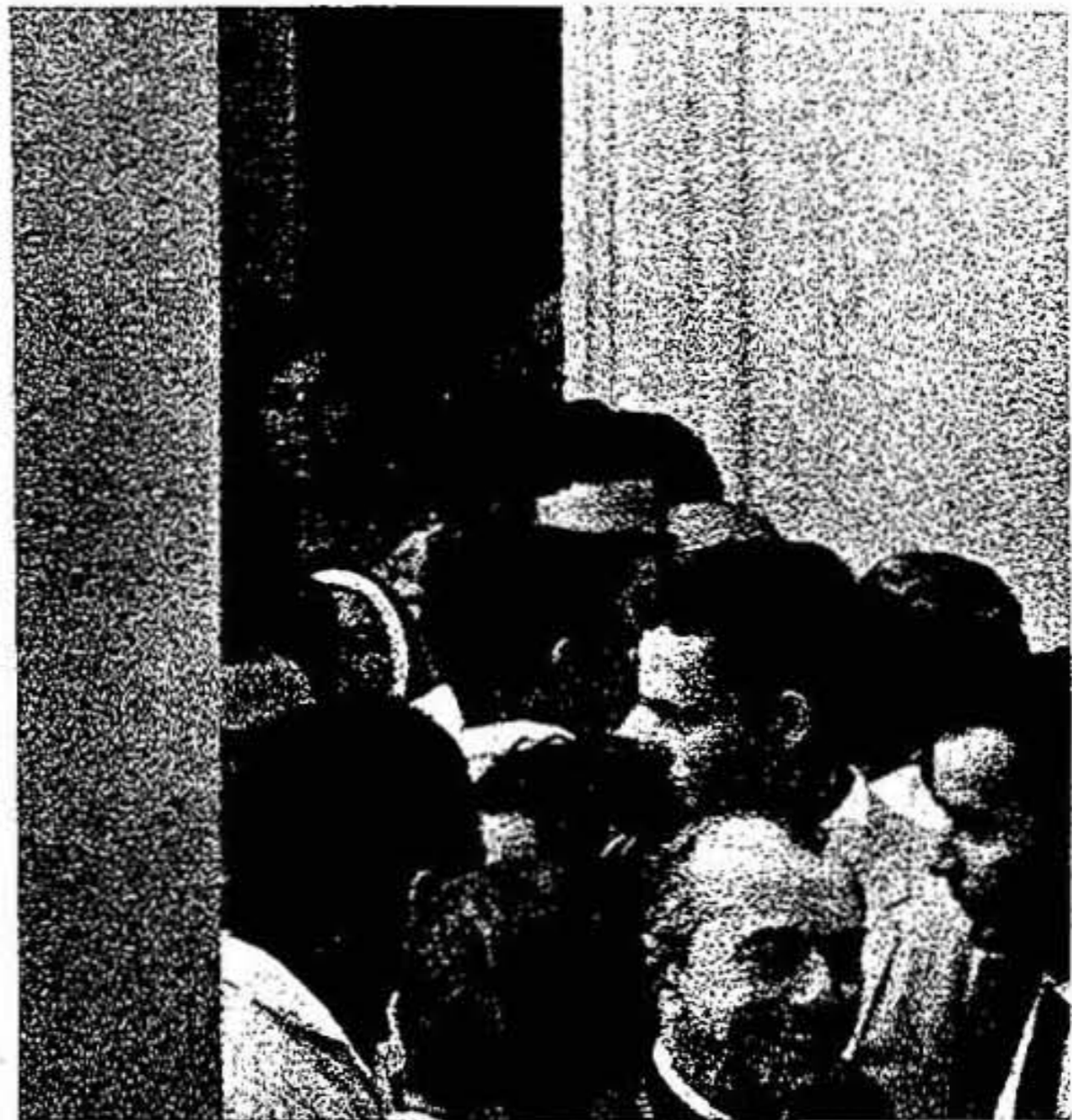
Teologia do desenvolvimento

Sem dúvida, de muitas partes, existe um apavoramento com o despertar da Igreja no Brasil. Típica é a reação com respeito ao Padre Hélder. Os apavorados com a renovação procuram *reconduzir os desviados* a uma doutrinação intemporal, abstrata, desligada das realidades terrestres, dualista, ou então simplesmente afastada do essencial (Cristo, o amor e a justiça para com os outros).

O que irrita, atualmente, certas áreas é constatar o seguinte fenômeno: a Igreja começa a preocupar-se não só com *todos* os homens, mas também com o homem *todo*. Certas áreas muito empenhadas na "civilização cristã", na "fé cristã", na "tradição cristã", na "descaracterização da indumentária de arcebispo" espantam-se com a *evangelização*: levar, concretamente, os homens para Deus. Assim, nesta linha de evangelização, a teologia vem orientando os seus trabalhos. Ora, face à realidade brasileira que levanta sérias exigências também neste sentido, a teologia tem um papel insubstituível. A ela compete, basicamente, disse Padre Hélder, "lançar a luz de Deus sobre as realidades terrestres". E afirmou-nos que "não basta uma filosofia, mas é preciso uma teologia do desenvolvimento".

Quando estudamos a Bíblia bem entendida e vemos que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, encarregando-o de dominar e completar a criação, concluímos que "o homem não é objeto da História mas sujeito". E acrescenta Padre Hélder: "Como conhecem pouco a verdadeira doutrina cristã os cristãos que morrem de medo por causa do progresso! O Pai não tem ciúme dos filhos". O cristão não é um homem medroso: ele tem coragem de viver. É preciso vibrar com o progresso científico: um transplante de coração, uma viagem espacial alegram o verdadeiro cristão. Foi pensando nisso que Padre Hélder, num dado momento, exclamou: "Solta o homem!"

Contudo, não se trata de um descomprometimento com a realidade. Ao contrário, uma exigência cada vez mais atual que é feita aos cristãos é justamente "a presença no mundo, assumindo as alegrias e as tristezas dos homens". Inegavelmente, causa tristeza o emprêgo do processo científico em coisas estúpidas como as guerras e as jogadas contra os pobres. E Padre Hélder observa o seguinte: "os desencantados com a Igreja, os jovens, os que pensam ter perdido a fé, cada vez que a gente lhes apresenta o autêntico cristianismo, entusiasmam-se e se não conseguem aderir, pelo menos respeitam".



II UNCTAD

A primeira Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) reuniu representantes de 122 países.

A segunda, agora reunida, é a maior Conferência da história: 1 400 delegados de 132 países, 600 funcionários da ONU, 350 peritos. A reunião faz-se num momento crítico. Além das crises mais ou menos generalizadas nos países desenvolvidos, além da situação mundial (guerra do Vietname), a questão do modelo de desenvolvimento é básica para os 77 países subdesenvolvidos presentes à reunião.

Já na primeira Conferência começava a se explicitar a noção de que os "modelos ocidentais não criam automaticamente o desenvolvimento no Terceiro Mundo". Mas ela não deu os resultados esperados no plano das instituições e nem mesmo conseguiu formulações globais. Por isso, dois temas ficaram latentes e condicionam tôdas as discussões nesta segunda Conferência. É preciso rever, no seu conjunto, o sistema de ajuda ao Terceiro Mundo. (A ajuda direta decai sistematicamente, a relação entre preços de produtos manufaturados e preço de matérias-primas continua a se deteriorar). As questões concretas devem ter prioridade na discussão. Estas seriam, pois, as grandes linhas a serem seguidas. Todavia, ao que tudo indica, apesar das intervenções veementes do representante do Papa (Mons. Caprio) e das mensagens diretas do próprio Paulo VI, tal não parece estar acontecendo. Esforços contínuos vêm sendo realizados por grupos e delegações não oficiais de países desenvolvidos junto às respectivas delegações oficiais, em favor dos subdesenvolvidos. Assim: o grupo *Shalom*, dos Países Baixos, e o Comitê diretivo do Secretariado Internacional dos Engenheiros Agrônomos e Quadros Econômicos Católicos (SIIAEC — ramo da *Pax Romana*).



Contudo, os resultados deixam muito a desejar. A reunião parece ter chegado a um impasse. Foram excluídos da discussão os problemas dos produtos de base, cujo comércio tem organização específica (café, cacau, açúcar). Tais produtos constituem, efetivamente, as maiores exportações de numerosos países do Terceiro Mundo. Como os grandes países desenvolvidos (EUA, França, URSS) até agora não passaram das mostras de boas intenções, nada indica uma solução próxima (pelo menos em termos de UNCTAD) para os problemas do desenvolvimento. A divergência é radical.

O vice-Presidente da delegação hindu, K. B. Iall, afirmou que "a Conferência fracassará se, dentro de poucos dias, não surgirem pro-

postas concretas dos países desenvolvidos". O representante do Brasil, Barros Netto, dizia: "As coisas não vão bem, especialmente na Comissão de Diversificação das Exportações dos países em desenvolvimento". Declarações do mesmo teor foram feitas por delegados da Colômbia, Venezuela e Chile, entre outros. As delegações das grandes potências têm se mantido em silêncio.

Diante deste quadro cabem algumas observações:

Os países desenvolvidos, apesar da situação internacional de guerra e tensão quase intolerável, sobretudo nas áreas do Terceiro Mundo, não parecem ter entendido ainda que "o novo nome da paz é desenvolvimento". Dom Caprio, refletindo as angústias de Paulo VI, chegou a aler-

tar os países ricos dizendo: "Brincar-se-ia com fogo simulando a crença de que será possível localizar e circunscrever indefinidamente os focos de agitação no Terceiro Mundo".

Por seu lado, mesmo com a reunião prévia realizada na Argélia, os países subdesenvolvidos não têm mostrado coesão e firmeza suficientes nas negociações. Não obstante isso, acentua-se claramente a divisão entre países ricos e países pobres. Como já o fizeram os países ricos, os países pobres estão tentando superar as divergências ideológicas e formar um bloco à parte.

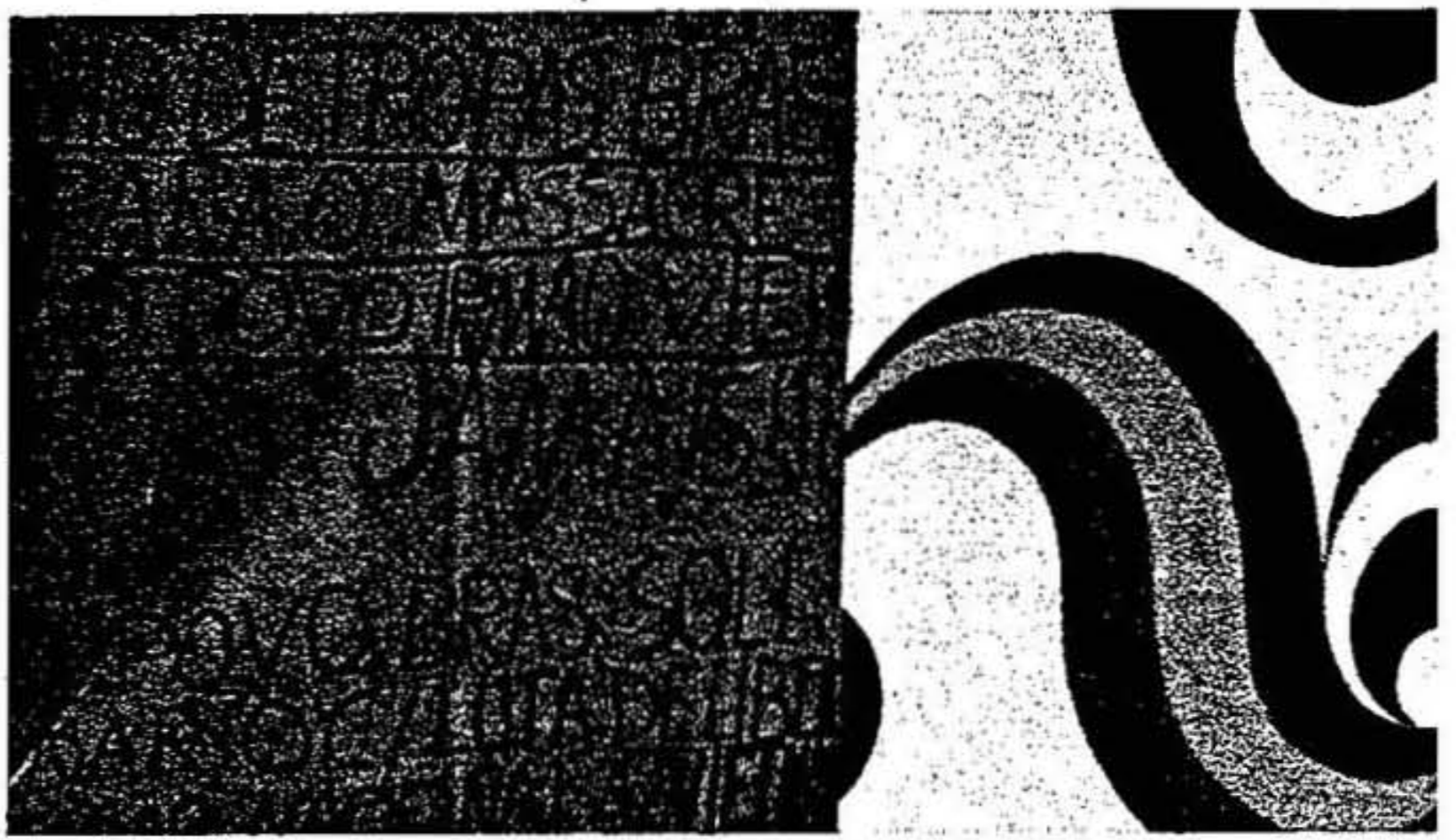
Agora, não existe uma perspectiva de soluções para problemas; o que existe é tão-somente a possível criação de um mecanismo contínuo regulador do comércio internacional. Entretanto, seria ingênuo esperar, daí, a solução para o nosso desenvolvimento.

Dr. Alceu, a grande consciência histórica e social

O primeiro Prêmio do CICOP (programa de Cooperação Católica Interamericana), de grande contribuição para a causa da amizade, justiça e compreensão interamericana, foi concedido ao escritor brasileiro Alceu Amoroso Lima — Tristão de Athayde. Referindo-se a Alceu, o boletim do CICOP afirma que ele realizou na América Latina um importante trabalho na renovação católica brasileira e tem sido, nos últimos anos, o líder social que mais lucidamente interpreta a realidade brasileira. Como grande líder social, foi nomeado por Paulo VI para membro da Comissão Pontifícia Justiça e Paz.

Dizia recentemente Alceu Amoroso Lima: "A imagem convencional da Igreja Católica era a de uma instituição rigidamente jerárquica, conservadora, voltada para o passado, tradicionalista e aristocrática, defensora dos ricos, da propriedade privada, dos latifundiários, aliada natural dos partidos de direita, inimiga do socialismo, anti-semita, condenando protestantes e ortodoxos como hereges, militarista, autoritária, antiliberal, pregando a primazia do patronato sobre o operariado, desconfiada da escola pública, sustentando a guerra preventiva contra o comunismo, confundindo caridade com esmola, paternalista, assistencialista, e cantando ainda hinos em que o destino do altar era confundido com o destino dos tronos..."

Por causa de suas colocações corajosas e exatas, Tristão de Athayde vem sendo violentamente atacado por alguns integristas contumazes e ridículos.



Thomas Merton fala de alguns problemas do nosso tempo

Thomas Merton, monge trapista na Abadia de Gethsémani (Kentucky), em carta recente (publicada pela revista *Señal*, México), fala de alguns problemas mais vivos do nosso tempo. Eis o que diz o famoso contemplativo:

"A renovação espiritual obviamente tem sido mais lenta e complicada do que a maioria de nós deseja. É lamentável que se tenha feito tanto barulho inútil e enganador sobre o assunto na imprensa: as esperanças do povo crescem, para logo serem arrasadas por um conservador e, em seguida, reerguidas por outra pessoa. Quanto a mim, mantenho-me fora de todas as manobras de política-gem que isto implica, mesmo em minha própria ordem. (...)

Não tenho esperanças desmesuradas sobre o que é possível conseguir, de imediato, na renovação monástica. Penso que muitas das esperanças são enganadoras. Porém, o panorama a longo prazo me parece bom. Uma nova geração assumirá, cedo ou tarde, a liderança, e creio que a geração mais nova na vida religiosa e em tudo mais (os nascidos entre 1940-1947) tem boas perspectivas. De qualquer jeito, os velhos, como

eu, já estamos fora, e no que diz respeito aos de meia-idade... esperamos que saibam adaptar-se. Têm, talvez, uns 50% de probabilidades. No que diz respeito aos ultraconservadores, temo que há muito tempo já deixei de me preocupar com eles. Não há nada que se possa fazer por eles ou por aquelas pessoas que insistem em encher os ares com lamentações acerca de tudo, como se a Igreja estivesse prestes a naufragar e como se houvesse dez comunistas debaixo de cada cama. Para ser franco, penso que muito do que dizem e fazem é verdadeiramente patético, mas não vale a pena prestar-lhe muita atenção. Esta é a Igreja de Deus, e dou como certo que ele sabe o que deve fazer com ela. Pelo que sei, ele está disposto e pronto a deixar que muitos ramos secos caiam da árvore sem a menor intenção de evitá-lo. Cristo, no Evangelho, nos disse, há muito tempo, que os ramos da videira deviam ser podados. Isto aplica-se a algumas das instituições religiosas. Penso facilmente em um grande número de publicações católicas que fariam ao mundo um grande favor se fechassem o negócio. Outras estão lutando duramente para renovar-se, e desejo-lhes boa sorte. A mesma coisa desejo às universidades e escolas que também lutam.

Não creio que os *hippies* sejam uma ameaça para a nação. Se Lyndon B. Johnson entrasse de repente no nirvana e deixasse a política, isto não seria um desastre. Todavia, a tendência de ódio a Johnson, de alguns setores, é repugnante e infantil. Agradam-me os *Beattles* (o que deles ouvi). A simples menção do LSD não me faz começar a suar frio. Vários amigos meus estiveram na marcha pela paz em direção ao Pentágono (em outubro de 67) e dizem que a impressão de violência que a imprensa transmitiu foi uma flagrante distorção (muitos dos presentes eram ex-monges).

Em outras palavras, faz-se muito barulho sobre tais questões, que são periféricas, e se deixam de lado outras questões que são tão sérias que chegam a ser críticas: a principal, em nosso país, é a questão racial. Nesta área, o futuro não está claro, porque há um verdadeiro hiato de comunicação. A violência parece inevitável. Acêrca da guerra do Vietname, quanto menos se falar, melhor. É um dos maiores disparates e um dos mais estúpidos da história dos EUA. Os resultados constituem uma desgraça.

Não era minha intenção recitar uma litania de questões controversas, como se as conhecesse profundamente a tódas. Os tempos são difíceis. Exigem valor e fé. A fé representa o fim de uma virtude solitária. Solitária, especialmente onde uma comunidade de amor autêntico não é realidade mas uma tarefa que se deve recomeçar continuamente. Não estou me referindo ao Mosteiro de Gethsêmani onde há uma respeitável quantidade de amor, mas a tódas as comunidades cristãs em geral. O amor não é algo que ganhamos da Mãe Igreja como um bebê ganha o leite do seio materno; o amor tem que ser também dado. Não obtemos amor se não o damos. E o medo, a desconfiança, a sensação de que fomos "usados", e bem podemos sê-lo de nôvo no futuro, reprimem de modo compreensível a espontaneidade do amor em muitas ocasiões. Por isso, afinal de contas, temos que colocar nossas maiores esperanças em Deus".

Ramsey prega em Westminster

A Semana de Orações pela Unidade Cristã, que na Europa se realiza no mês de janeiro, deu ensejo a manifestações em sentidos divergentes, assinalando porém um balanço favorável ao progresso do ecumenismo no mundo contemporâneo. Em Londres, o Cardeal Hunan convidou o Dr. Ramsey, Arcebispo de Canterbury, para pregar, dia 23 de janeiro, na catedral católica de Westminster. Um solene culto ecumênico de que participaram, além de católicos e anglicanos, metodistas e membros de outras denominações evangélicas, havia precedido este sermão.

O Arcebispo anglicano fez ouvir então, entre outras, estas palavras significativas: "Temos ainda grandes divergências entre nós. Não pretendemos tê-las resolvido. Sabemos que muitas vezes nos indispomos uns contra os outros, por causa do que fazemos e do que falamos. Sabemos que um longo caminho ecumênico resta a percorrer. Estamos já, entretanto, numa situação nova (...). Podemos hoje, com a autoridade de nossas duas Igrejas, rezar juntos em numerosas ocasiões, agir juntos, não como rivais mas como aliados, servindo a Deus e servindo a humanidade em suas múltiplas necessidades (...). O segredo de nossa aproximação está em nos aproximarmos todos de Cristo. É ele que nos convida. Devemos responder a êsse apêlo (...). É preciso também servir nossos irmãos. Todo ato de serviço desinteressado, que ajuda a curar a humanidade alquebrada e dividida, pode servir à causa da unidade".

O fato, entretanto, motivou manifestações de protesto, tanto por parte do Bispo católico de Clifton, que recusou abrir sua igreja para cerimônias ecumênicas, como por

parte de reformados que vieram protestar em frente à catedral de Westminster, qualificando Ramsey de traidor "na mais sombria noite que se abatia sobre a Inglaterra após 400 anos de Reforma". Estas explosões demonstram que subsistem ainda muitas barreiras impedindo a união completa entre os cristãos. Mas, não obstante, o ecumenismo vai fazendo, lentos mas seguros, avanços nas diversas reuniões da comissão mista de católicos e anglicanos, que após os encontros de Londres e de Gazada, na Itália, se reuniu pela terceira vez em Malta, em princípios de janeiro último.

De outro lado, a Espanha católica parece entrar, decididamente, no caminho do ecumenismo, promovendo celebrações por ocasião da Semana da Unidade e realizando em Madri o segundo Congresso Nacional de Ecumenismo, organizado pelo Secretariado Ecumênico presidido pelo Arcebispo de Saragossa, Dom Cantero.

Seminário de atualização permanente

Renovação da escola de nível médio e ensino de qualidade, foi o tema do IV Seminário de Atualização Permanente para Diretores de Educandários (SAPDE), realizado no Colégio Santo Américo do Morumbi, São Paulo, de 5 a 9 de fevereiro, com a participação de 90 diretores e diretoras de colégios de congregações religiosas, representando diversos Estados.

Os SAPDEs são uma promoção do Departamento de Educação da CRB, coordenados pelo Diretor do mesmo Departamento, Irmão Deolindo Caetano Valiati, visando a atualização permanente dos chefes responsáveis pelos colégios secundários católicos.



O Cardeal Bea (ao centro) em conversa com o dr. Ramsey e esposa

Na estrutura das congregações religiosas docentes, a pessoa do diretor ou da diretora é a mola-mestra. Dêles, em grande parte, depende a coordenação dos esforços, o equilíbrio das adaptações e o dinamismo do progresso. Portanto, é em torno da pessoa do diretor que a CRB volta as suas atenções, no momento em que a marcha acelerada da História e a rapidez da evolução das coisas tornam extremamente difícil a tarefa dos diretores.

Compreende-se a importância destes cursos, numa época em que se vêem homens de todas as profissões voltar aos cursos e aos estudos, periodicamente, em busca de uma constante atualização e maior eficiência profissional.

Devido ao interesse despertado, o mesmo curso foi repetido no Estado da Guanabara, de 30 de março a 7 de abril, no Colégio Imaculada Conceição, e deverá ser dado em maio, com a colaboração da AEC regional, em Fortaleza e Recife.

Grupo de Trabalho nacional reunido no Rio

Na primeira quinzena de fevereiro, o Secretariado Nacional de Ação Social da CNBB reuniu, no Estado da Guanabara, um Grupo de Trabalho nacional com elementos de todos os secretariados regionais, para análise da situação social brasileira e descoberta de formas concretas de aplicar o documento redigido na Assembléia dos Bispos de Aparecida, *Nossas responsabilidades ante a "Populorum Progressio"* e as *Conclusões de Mar del Plata*.

Desenvolvimento é a grande preocupação do momento, mas desenvolvimento não se faz sem a plena explicitação dos valores da pessoa e do grupo. Por isso torna-se necessário não só reconhecer tais valores e propiciar condições para que eles sejam plenamente promovidos, como também é necessário lutar contra tudo aquilo que impede ou mesmo estrangula a promoção do homem e da sociedade.

O Grupo de Trabalho ocupou-se, portanto, da análise do desenvolvimento brasileiro. Sente-se por toda parte um surto desenvolvimentista, uma aceleração constante nos processos de racionalização e produtividade. To-

davia, há ainda muitos equívocos e erros: o capital é ainda visto como principal fonte de direitos; identifica-se capitalismo com cristianismo; impõe-se uma poupança forçada às camadas populacionais de baixa renda; direitos adquiridos pelas classes trabalhadoras rurais (estatutos) na prática não são respeitados; debilidade da estrutura e dos métodos educacionais; procura-se, enfim, o desenvolvimento econômico com o sacrifício de valores humanos, e mesmo este desenvolvimento redonda em benefício de poucos e não da totalidade da população.

Diante destas e de outras deficiências do processo de desenvolvimento nacional, a pergunta indispensável e urgente é: qual a missão da Igreja em tudo isso?

Foi a segunda parte da tarefa do grupo: o encontro do Episcopado latino-americano em Mar del Plata e o encontro do Episcopado brasileiro em Aparecida exigem aplicações mais concretas no sentido de levar o povo brasileiro a "entender que é o próprio Deus quem dá ao homem o direito e o dever de dominar a natureza e aprimorar a criação" (NR III, 1) e a "combater o seu fatalismo e desânimo" (NR III, 1).

É preciso agir com firmeza, coragem, destemor. Por isso, antes de mais nada, a meta será apoiar e ampliar os grupos de estudo e reflexão que se desejam e já se formaram nas bases regionais. Criar grupos em todos os níveis: entre técnicos, entre professores, entre universitários, entre trabalhadores. Todos são Igreja. Todos são necessários e mutuamente devem se assessorar para que nada se omita na capacitação do homem, na descoberta e assimilação da mística do desenvolvimento integral e solidário.

Nôvo enfoque

Religiosas norte-americanas em serviço na América Latina reuniram-se em Porto Rico, de 18 a 23 de fevereiro, para *Uma avaliação crítica e construtiva da contribuição das religiosas norte-americanas para a América Latina*.

O objetivo e o temário do encontro indicam, desde logo, não só uma profunda modificação no

modo de encarar o trabalho da religiosa mas também uma nova atitude face à realidade dos países onde desempenham sua missão.

O próprio temário do encontro mostra esta mudança de enfoque. Na primeira parte abordou-se o problema do conhecimento da dinâmica sócio-cultural da América Latina como condição para a eficácia de qualquer trabalho. Na segunda parte tratou-se da missão profética da religiosa e das exigências deste profetismo na América Latina. Realidade e profetismo foram, desse modo, as linhas básicas do encontro. A religiosa que se interroga sobre a significação de sua presença em nosso continente percebe logo que sua vocação e missão estão sendo questionadas de maneira global e incisiva pela realidade latino-americana.

Nesta linha, o Padre Renato Poblete, SJ, do Centro Belarmino, em Santiago do Chile, faz uma série de análises em que salienta a quantidade de mitos turísticos, comerciais, econômicos, políticos e religiosos que marcaram a realidade latino-americana. Observa ele a transformação rápida e global de uma sociedade extremamente complexa e cuja compreensão exige análises mais aprofundadas. Esta transformação questiona vivamente o preparo dado ao pessoal religioso enviado para a América Latina e torna evidente a sua situação ambígua: de um lado, seus valores inegáveis e, do outro, as suas contradições. Entretanto, Padre Renato considera que esta situação não é um impasse mas um desafio à reavaliação do papel do clero e dos religiosos, à promoção dos leigos e à solidariedade internacional em relação aos países pobres.

Portanto, que significa hoje, neste continente, a missão profética? Este foi o tema abordado, também em Porto Rico, por Irmão Cristóvão Della Senta, Secretário-Executivo da CRB: *Missão profética da religiosa na América-Latina*. Partindo do profetismo na Bíblia e centrando tudo na missão profética de Cristo, mostrou o que já estava implícito no esquema: a missão da religiosa só pode se realizar dentro de uma dinâmica do desenvolvimento. Ninguém pode exercer uma missão profética numa realidade na qual não está integrado.



ESTANTE DE LIVROS

OSWALD DE ANDRADE

Oswald de Andrade foi um ser extremamente inquieto. Depois de uma fase católica, devotamente católica, tradicionalmente católica (procissões, colégio São Bento, aluno de filosofia do Monsenhor Sentroul, que trouxe para São Paulo o seu tomismo lovainiense) tornou-se Oswald um wildiano. Do dandismo wildiano passou ao modernismo mais polêmico ou mais agressivo e ao marxismo declarado. E tudo isso unido a um grande amor à vida, a um senso dionisiaco. Ninguém menos apolíneo, menos olímpico, do que Oswald de Andrade. Foi um dionisiaco. E foi, sobretudo, um violento.

Antes de Brecht chegar ao Brasil, antes de qualquer conhecimento da obra de Brecht no Brasil, antes de ler uma linha sequer de Bertold Brecht, fez um teatro puramente brechtiano, teatro de agressão, teatro antiburguês, teatro de extrema vanguarda, de reivindicação social, como vimos ainda agora com o **Rei da Vela**, uma de suas três peças. É incrível que essa peça, escrita em Paquetá em 1933, publicada em livro por José Olympio em 1937, tenha permanecido virgem em termos de teatro até 1967: por trinta anos!...

Um violento, quero dizer, um espírito anticonvencional. Oswald agredia toda convenção. Seu ritmo era estranho, pessoal, próprio dele, mistura de inquietação, violência, nostalgia de uma pureza total, autenticidade ou verdade, clamor, protesto. Toda a sua obra é um protesto. Um fundo e patético protesto contra a imposição, a moral convencional, a burguesia, o **dejavu**, o lugar-comum, a fórmula aceita, o clichê ou a retórica de um tempo que, há quarenta anos, já estava caduco.

Organizou ele a sua retórica, nítida, cortante, contra a burguesia instalada. O romance **Os Condenados**, de 1922, um dos marcos de nosso modernismo estético, as

Memórias Sentimentais de João Miramar, **O Serafim Ponte Grande**, **O Chão** (que se inspira no **Estrangeiro**, de Plínio Salgado), como também as suas **Poesias**, agora reunidas e publicadas pelos irmãos Campos, de São Paulo, Augusto e Haroldo, tão empenhados na revisão crítica e na revalorização da obra pioneira de Oswald, o **Pau-Brasil**, de 1925, e o irreverente **Caderno de Poesias do Aluno Oswald de Andrade** revelam esse protesto ríspido, veemente, intransigente de um antiburguês, que conservou sempre uma espécie de obsessão do cristianismo, ou, mais precisamente, do catolicismo.

Posso dar um depoimento pessoal. A única vez, que vi Oswald de Andrade, foi em São Paulo, na Livraria Sal, uma livraria católica, meses antes de sua morte, em 1954. Deve ter sido agosto. Ele morreria em outubro. Estava pálido, envelhecido. O olhar perscrutante. Queria livros de Romano Guardini, o liturgista. Uma das suas últimas paixões foi Guardini. Sílvio Penteado, que tomava conta da livraria, vendeu-lhe alguns volumes do pioneiro Guardini.

ANTONIO CARLOS VILLAÇA

COSTE, René — *Morale Internationale* (L'Humanité à la recherche de son âme), Desclée, Paris-Tournai, 220 x 150, 584 pp.

René Coste é professor na Universidade Católica de Toulouse (França). O subtítulo do seu livro — A humanidade à procura da sua alma — e a dedicatória — Aos meus irmãos, os homens — deixam já de certo modo antever o espírito em que o livro é escrito e a vastidão do tema. Trata-se de um verdadeiro dicionário, resultante de uma pesquisa extremamente vasta, como o indica a bibliografia, a lista de enciclopédias e de revistas consultadas. São quase vinte páginas de índices analíticos e de tábua das matérias, por onde podemos situar imediatamente qualquer

tema dentro do miolo do livro. É impossível dar uma apreciação sobre a obra; o seu conteúdo é inestimável. Limitar-nos-emos a dizer que os fatos nos são contados, as situações analisadas, e o leitor tem a possibilidade — diríamos até, a obrigação — de julgar por ele mesmo. O trabalho de René Coste é inédito e de uma atualidade impressionante. O livro, de 1964, é completado agora por um suplemento datado de 15 de dezembro de 1966.

A. DE ABREU FREIRE

TOUILLEUX, Paul — *Introduction à une Théologie Critique*, Lethielleux, Paris, 1967, 128 pp.

Este é um livro diferente dos livros comuns sobre Teologia: ele tem algo de novo. Sugere um método novo, em busca da originalidade de um conteúdo multiseular. Por isso mesmo é um livro difícil, que não será acessível a toda a gente, nem mesmo a todos os teólogos; ele exige um conhecimento profundo da problemática da filosofia contemporânea e da sua linguagem, do método crítico da Epistemologia, e diríamos mesmo dos trabalhos de Jean Piaget em Epistemologia. Ora, isto não é para todos os teólogos.

Como o autor, temos nós o direito de pôr uma questão: se o espírito científico em nossos dias possui tais e tais exigências críticas, se o discurso e a pesquisa científica devem obedecer a determinados esquemas, a teologia, que é uma ciência, não pode continuar a obedecer a critérios de rigor que já estão ultrapassados. A teologia, como ciência, deverá obedecer aos mesmos critérios de rigor, de objetividade, de verdade, que as demais ciências, no que diz respeito ao seu método.

Em nossos dias, temos uma noção nova do homem, da história, uma compreensão mais objetiva do que significa, para a humanidade, uma "salvação". Temos, também, uma noção bem

mais rica daquilo que significa conhecer, daquilo que significa a palavra verdade; não podemos elaborar uma teologia baseando-nos em noções que não são mais satisfatórias. Por outras palavras, é necessário retomar as questões da teologia tradicional e reformulá-las dentro de um método rigoroso e dentro de categorias que tenham um sentido para os homens a quem essa teologia se dirige. Este é um trabalho de gigante.

Sendo intenção do autor tratar da possibilidade e das condições de uma teologia crítica, neste livro encontramos tratados, e como ilustração, só alguns dos grandes temas da teologia tradicional. Em notas anexas aos capítulos, o autor faz um certo número de incursões nos temas que lhe serviram de exemplos metodológicos de trabalho. Sente-se a falta, neste livro, de uma bibliografia e de índices.

O autor é, atualmente, professor na Universidade Católica de Lião, na França. O prefácio é de M.-D. Chenu, OP.

A. DE ABREU FREIRE

Da Editora FTD, São Paulo:

- BRAND, Harold** — *Problemas de genética*, ilustrado, 220x160, 178 pp.
- CAVALCANTE, Luiz G.** — *Ensino moderno da Matemática*, 3º ano primário, 1968, 225x155, 192 pp.
- COSTA, João Ribas da** — *Dunquerque Universal*, 210x140, 272 pp.
- GASTAL, Profª Maria de Lourdes** — *Dedé José Tião*, 2ª edição, ilustr., 1967, 205x150, 48 pp., junto com *Orientação ao Professor para a aplicação da cartilha*
- LEZAN, Leonor** — *Leitura, análise e redação*, 4ª edição, 1967, 210x150, 128 pp.
- SPINA, Segismundo** — *Dicionário prático de verbos conjugados*, 2ª edição (rigorosamente de acordo com a nova nomenclatura gramatical), 230x160, 160 pp.

Da HERDER, São Paulo:

- HARING, Bernhard** — *Cristão em nossos tempos*, 2ª edição, trad. do original alemão pelo Pe. Raimundo Moura, CSSR, 1967, 210x140, 378 pp.
- MIRGELER, Albert** — *Cristianismo e Ocidente*, 1967, trad. do original alemão por Alípio Mala de Castro, 190x120, 214 pp.
- ROCHA, Adelaide Magalhães** — *O diálogo continua*, 1967, 190x120, 104 pp.
- Introdução à Bíblia* (Antigo Testamento — Os livros proféticos posteriores — II), sob a direção de A. Robert e A. Feuillet, trad. portuguesa do Instituto Teológico Pio XI, 1967, 210x140, 372 pp.

Das Edições PAULINAS, São Paulo:

- AUBERT, Jean-Marie** — *Investigação científica e fé cristã*, trad. do original francês por João de Matos Louro, 180x120, 224 pp.
- BEA, Card. Agostinho** — *A Historicidade dos Evangelhos*, trad. da Abadia N. Sra. das Graças, 225x150, 96 pp.
- CALLENS, OP, L.-J.** — *O mistério da nossa intimidade com Deus*, trad. do original francês por Maria de Lourdes Allan, 180x125, 160 pp.
- CARDIJN, Card. Joseph** — *Leigos nas linhas de frente*, trad. do original francês pelas Monjas Beneditinas da Abadia N. Sra. das Graças, 200x130, 174 pp.

- CHALENDAR, Xavier de** — *Amarás!*, trad. do original francês por Maria Luísa Toselli, 180x120, 192 pp.
- CHALENDAR, Xavier de** — *Por que não? (A vocação)*, trad. do original francês por Manuel Alves da Silva, 180x120, 240 pp.
- CHARPENTIER, Etienne** — *Juventude perene do Antigo Testamento*, trad. do original francês pelo Pe. Francisco Caponi, 180x120, 232 pp.
- CONGAR, Pe. Yves M. J.** — *Se sois minhas testemunhas* (Três conferências sobre o laicato, a Igreja e o mundo), trad. da Abadia N. Sra. das Graças, 200x130, 136 pp.
- DATTLER, SVD, Pe. Frederico** — *Sinopse evangélica*, 2ª edição, 225x150, 320 pp.
- IDEM** — *Sinopse epistolar*, 225x150, 200 pp.
- IDEM** — *Palestras bíblicas*, 225x150, 152 pp.
- DELATTE, OSB, D. Paulo** — *A contemplação do invisível*, trad. do original francês por Lyda Christina Fróis da Fonseca, 180x125, 168 pp.
- DEMPSEY, Peter J. R.** — *Freud, Psicanálise e Catolicismo*, trad. do original inglês pelo Pe. José Derntl, 210x140, 202 pp.
- DREYFUS, Paul** — *Num mundo que se transforma*, trad. do original francês por Carlos Sahova, 180x120, 240 pp.
- ENGELMANN, Henri** — *Será que perdi a fé?*, trad. do original francês por Maria Luísa Toselli, 180x120, 208 pp.
- FERRIER, Francis** — *O problema do mal, pedra de escândalo*, trad. do original francês pelo Pe. Manuel Alves da Silva, SJ, 180x120, 192 pp.
- GIORDANO, Higinio** — *Laicato e sacerdócio*, trad. do original italiano por José Wagner Leão, 200x130, 350 pp.
- GOBRY, Ivan** — *A pobreza do leigo*, trad. do original francês pela Abadia N. Sra. das Graças, 200x130, 168 pp.
- GRAEF, CSSP, P. Richard** — *O sacramento da divina misericórdia*, trad. do original alemão por Júlio e Gabriele Fachini, 185x125, 136 pp.
- GREEFF, Dr. Estêvão de** — *Almas criminosas*, trad. do original francês por Carlos Ferrário, 210x140, 200 pp.
- HARING, CSSR, Pe. Bernhard** — *Dinâmica da Renovação*, 1967, 225x155, 200 pp.
- HELLPACH, Willy** — *Geopsique* (O homem, o tempo e o clima, o solo e a paisagem), trad. do original alemão por Miguel Zauppa, 210x140, 344 pp.
- HÉRIS, OP, Ch.-V.** — *Perfeição e caridade*, trad. do original francês por Ana Armando Gauflhier Dó, 180x125, 160 pp.
- LAPLACE, SJ, J.** — *A mulher e a vida consagrada*, trad. do original francês por M. Cecília de M. Duprat, 180x115, 346 pp.
- LECARME, Pierre** — *O homem perante os livros*, trad. do original francês pelo Pe. Zacarias de Oliveira, 180x120, 208 pp.
- LENVAL, H. Lubienka de** — *As liturgias orientais vistas pelo fiel no Ocidente*, trad. do original francês por Maria de Lourdes Allan, 180x125, 128 pp.
- LOUIS, Michel** — *Juventude e literatura*, trad. do original francês por João Menezes de Barros, 180x120, 144 pp.
- LYON, Jean** — *E depois?...*, trad. do original francês pelo Dr. Dias da Costa, 180x120, 216 pp.
- OMEZ, OP, Reginaldo** — *Juventude eterna*, trad. do original francês por Maria Luísa Toselli, 180x125, 120 pp.
- ORAISON, Marc** — *O problema do amor*, trad. do original francês por Maria Luísa Jorge, 180x120, 176 pp.
- SPICQ, OP, C.** — *Caridade e liberdade segundo o Novo Testamento*, trad. do original francês por Maria de Lourdes Allan, 180x125, 120 pp.
- SUBTIL, SJ, J.** — *A vocação e os votos* (Retiros e considerações sobre a vida religiosa), trad. do original francês por Antônio de Maria Siqueira, SSP, 180x115, 192 pp.

- TUNG, André** — *Num mundo que sofre*, trad. do original francês por Vasco Miranda, 180x120, 248 pp.
- VARIOS** — *Leigos e vida cristã perfeita*, trad. do original francês por M. Cecília de M. Duprat, 200x130, 320 pp.

Da VOZES, Petrópolis:

- BARROS, Pe. Raimundo Caramuru de** — *Comunidade eclesial de base: uma opção pastoral decisiva*, 1967, 230x160, 64 pp.
- BISSONIER, Henri** — *Pedagogia de Ressurreição* (Da formação religiosa e da educação cristã dos «inadaptados»), trad. do original francês por Maria Luíza Neri, Coleção Catequese e Evangelização, nº 2, ISPAC, 1967, 230x160, 224 pp.
- BORDEAUX, Michael** — *A Religião Cristã na URSS*, trad. do original inglês por Jayme Leite de Godoy Camargo, 1967, 210x140, 288 pp.
- CHOISY, Maryse** — *Teilhard e a Índia* (Cad. Teilhard — 12), trad. de Frei Raimundo A. Cintra, OP, 1967, 160x115, 52 pp.
- CLAUDEL, Paul** — *O Livro de Crisóstomo Colombo* (Diálogo da Ribalta — 24), trad. do original francês por Helena Pessoa, 1967, 210x135, 96 pp.
- CUYPERS, Hubert** — *Vocabulário Teilhard* (Cad. Teilhard — 6), trad. de Frei Eliseu Lopes, OP, 1967, 160x115, 118 pp.
- DHEILLY, J.** — *As grandes figuras da Bíblia* (Minha primeira História Sagrada), trad. do original francês por Iacy Ewerton Martins, 230x170, 64 pp.
- DOLORES, Irmã Marina** — *Personalidade criadora na vida religiosa* (Vivência Religiosa — 3), trad. do original americano por Pedro Demo, 1967, 185x130, 232 pp.
- EVOY, SJ, John J. e CHRISTOPH, SJ, Van F.** — *Realização da personalidade na vida religiosa* (Vivência Religiosa — 2), trad. do original americano por Sérgio do Amaral, 1967, 185x130, 280 pp.
- GAUTHIER, Paul** — *O Concílio e "A Igreja dos pobres"*, trad. do original francês por Luiz Costa Lima, 1967, 210x140, 292 pp.
- GIORDANI, Mário Curtis** — *História da Grécia*, 1967, 230x160, 520 pp.
- MAGLOIRE, George** — *Teilhard e o Simantropo* (Cad. Teilhard — 14), trad. de Frei Eliseu Lopes, OP, 1967, 160x115, 64 pp.
- LEERS, OFM, Frei Bernardino** — *Religiosidade rural* (Igreja Hoje — 14), 1967, 220x145, 64 pp.
- MASSI, Pacífico** — *Guia Bíblico-Litúrgico* (I — Do Advento ao VI Domingo após a Epifania), para a participação ativa dos fiéis na santa missa, atualizado conforme as recentes disposições conciliares e do Episcopado brasileiro, trad. do original italiano por Ephraim F. Alves, 1967, 230x160, 232 pp.
- PAULO VI** — *Encíclica Sacerdotalis Caelibatus* (Doc. Pont.-170), 175x120, 48 pp.
- PAUPERT, Jean Marie** — *Por uma política evangélica*, trad. do original francês por O. C. Ferreira, 1967, 210x140, 192 pp.
- RICHTMANN, SJ, Flodoaldo Proença** — *Introdução à Sociologia* (tomo I), 1967, 185x130, 144 pp.
- VARIOS** — *A liberdade e o homem*, trad. do original inglês por Edgar de Godol da Mata Machado e Wanda Rohlf, 210x140, 240 pp.
- Compêndio do Vaticano II* (Constituições, decretos, declarações), com introdução e índice analítico de Frei Boaventura Kloppenburg, OFM, sob a coordenação geral de Frei Frederico Vier, OFM, 190x135, 732 pp.